



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Karla Xavier Naves

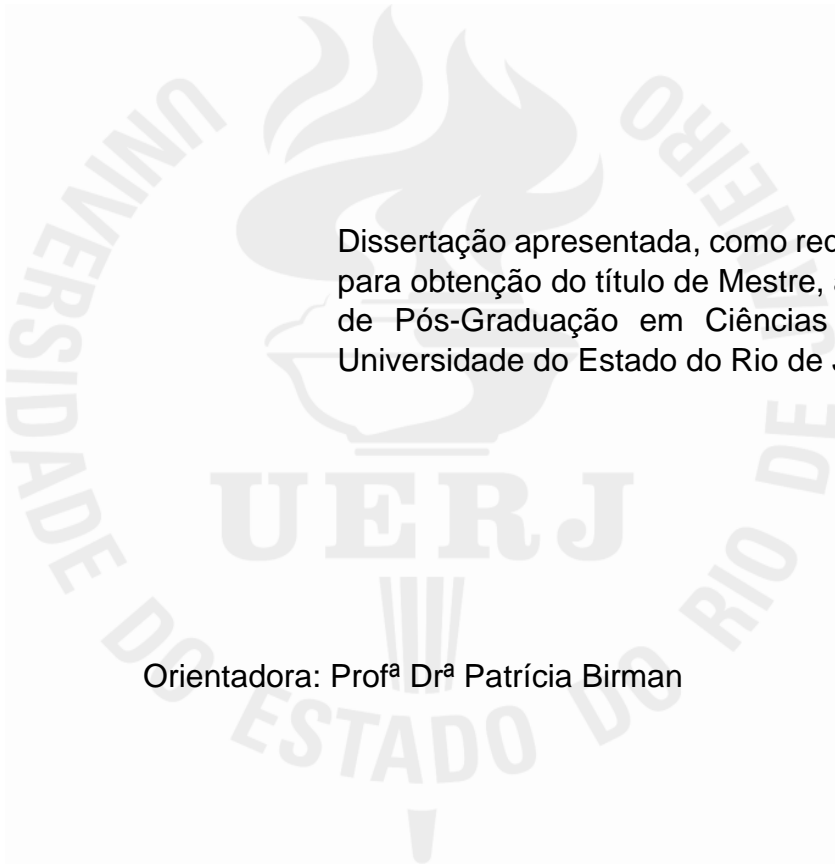
Perder é ganhar: o jogo do dízimo na IURD

Rio de Janeiro

2018

Karla Xavier Naves

Perder é ganhar: o jogo do dízimo na IURD



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Birman

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N323 Naves, Karla Xavier.
Perder é ganhar: o jogo do dízimo na IURD / Karla Xavier Naves. –
2018.
78 f.

Orientadora: Patrícia Birman.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Ciências Sociais.

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Religião – Teses. 3. Igreja Universal
do Reino de Deus – Teses. I. Birman, Patrícia. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

es CDU 3::2(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Karla Xavier Naves

Perder é ganhar: o jogo do dízimo na IURD

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de setembro de 2018.

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Patrícia Birman (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof^a Dr^a Carly Barboza Machado
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a Paola Lins de Oliveira
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof^a Dra^a Cecília Mariz
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

A Deus e a Nossa Senhora de Aparecida.
Aos meus pais, meu marido, irmãos e irmãs.
A minha sobrinha Yasmim.
A minha amada sogra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu Senhor, a Jesus meu Salvador e ao Espírito Santo que preencheu meu coração e minha mente em todos os movimentos deste trabalho. Agradeço a Nossa Senhora de Aparecida, meu exemplo devocional e mãe celestial. Sem todo este carinho divino eu jamais enxergaria todo encanto presente em minha vida, na produção desta pesquisa e nas linhas deste trabalho.

Aos meus pais José Carlos e Vera, que com todo amor sempre acreditaram em mim, sempre lutaram minhas batalhas e me incentivaram no caminhar até este dia. Vindos da roça com o sonho de fazer vida nova na cidade, sempre trabalharam muito e embora tenham concluído o Ensino Básico em idade avançada, ensinaram a mim e ao meu irmão a importância de alcançar uma vida melhor através do estudo, da informação e da persistência para alcançar os sonhos. Para cada dia cansativo de estudo, era a imagem de meus pais que me impulsionavam ao compromisso de continuar realizando meus sonhos. Agradeço a eles por me ensinarem a trilhar os caminhos da vida cheia de sorrisos e levando felicidade as pessoas ao meu redor. Ao meu irmão Rogers, que se dedicou ao cuidado com os meus pais para que eu pudesse sair de casa e concluir meus estudos. Agradeço também a minha cunhada e irmã Beatriz, que trouxe esperança e dedicação incondicional a minha família. A minha sobrinha Yasmim, agradeço pelas brincadeiras, pelas risadas que distraiam meus dias de folga, por me amar com seu jeito tão puro e inocente. Agradeço também a minha irmã de coração, Dayana Lelis, minha fiel companheira na vida, doce presente de Deus para mim.

Meus agradecimentos ao Leonardo, que passou de namorado a esposo durante meu mestrado. Ele, que desde a graduação me apoia, cuida de mim, providencia e vive continuamente ressaltando a importância do meu trabalho. Em dias difíceis de pesquisa, quando alguma dificuldade me preocupava, Leonardo não cessava de procurar os pontos positivos de tudo o que eu estava fazendo e novamente eu conseguia continuar escrevendo. Agradeço a ele pela dedicação em conhecer minhas paixões, não por gosto próprio, mas por amor a mim.

Agradeço a minha orientadora Patrícia Birman, por ter embarcado em minhas ideias e me auxiliado na construção desta pesquisa. Pelas compreensões sobre a vida, pelos conselhos e principalmente por ter valorizado minha fala, todos os pensamentos que expressei e por ter me feito enxergar meu lugar na academia. Meu

respeito e toda admiração por esta incrível pessoa, que se dedica a família, incluindo seus orientandos neste círculo afetoso.

A banca examinadora: Prof^a Cecília Mariz com simpatia ímpar, engrandeceu minha caminhada durante o mestrado com seus conhecimentos e conversas sobre religião. A querida Prof^a Paola Lins, que durante nossas aulas no PPCIS (juntamente com o querido Prof^o Edílson Pereira), agregou pontos fundamentais para o desenvolvimento de minha pesquisa, acolhendo meus questionamentos com sorrisos e sabedoria. Finalmente, a Carly Machado, orientadora de minha monografia na graduação e maior inspiração para o início de minha caminhada na antropologia. Agradeço a todas elas por hoje, mas também pelas contribuições no tempo de minha qualificação, de onde saíram os grandes impulsos deste trabalho.

Agradeço a todos os professores tão amorosos e empenhados que passaram pela minha vida, desde o Ensino Básico, na UFRRJ e da UERJ. Aos amigos que por diferentes formas me ajudaram a chegar neste momento: Wagner (Secretário do PPCIS), José Neto, Ruana, Marcus, Vinícius, Cleiton, Ana Paula, Izabelle, Marcelle, Geiza, Thiago e Carlos. Sem eles a caminhada não teria sido tão alegre.

Agradeço a Capes, por todo financiamento e apoio durante a pesquisa.

A todos que se interessarem pela leitura deste trabalho: MUITO OBRIGADA!

JOGO - jo.go

3. Quando diferentes indivíduos ou grupos de indivíduos se submetem a competições em que um conjunto de regras determina quem ganha ou perde.

Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis

RESUMO

NAVES, Karla Xavier. **Perder é ganhar**: o jogo do dízimo na IURD. 2018. 78 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O membro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que busca ser visto como fiel a sua fé, se priva de bebidas alcoólicas, drogas, músicas e danças que não são do meio cristão. Em contraponto, o luxo e conforto não são somente liberados, como altamente valorizados pela Teologia da Prosperidade professada nesta crença. Ter uma boa condição financeira com carros novos, casas grandes em lugares valorizados, construir e empreender são significados de benção e apresentados nos cultos como algo necessário para os que almejam a salvação. Desde o ano de 2012 através do trabalho de campo em templos da Igreja Universal, construo e reformulo minhas questões sobre esta fé baseada em riquezas e dinheiro, professada nas periferias do RJ. O que significa prosperidade para estas pessoas? É possível falar de pobreza onde os fiéis não se consideram pobres? Quais são as situações que possibilitam diferentes medidas acerca do “tudo” na vida destes fiéis? Através do dízimo, ofertas e doações, noto os fatos observados como um jogo que confere riscos e ganhos aos jogadores. Analisando a permanência da Teologia da Prosperidade entre as camadas pobres da sociedade, podemos verificar diversos significados na dinâmica sobre perder e ganhar quando se trata de dinheiro.

Palavras-chave: Fé. Prosperidade. IURD. Cidade de Deus.

ABSTRACT

NAVES, Karla Xavier. **Lose to win:** the Tithe game in IURD. 2018. 78 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A member of the Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) who seeks to be seen as faithful to his faith, deprives himself of alcoholic beverages, drugs, music and dances that are not Christian. In contrast, luxury and comfort are not only allowed, but highly valued by the Prosperity Theology professed in this belief. Having a good financial condition with new cars, big houses in highly valued neighborhoods, building and undertaking are meant as blessings and presented in religious worship as something necessary for those who sigh for salvation. Since 2012 through fieldwork in temples of the Igreja Universal, I build and reformulate my questions about this faith based on wealth and money, professed in the peripheries of RJ. What does prosperity mean to these people? Is it possible to speak about poverty where the congregation do not consider themselves as poor? What are the situations that enable different measures of the "everything" in lives of these churchgoers? Through tithing, offers and donations, I note the observed facts as a game that grants risks and gains to players. Analyzing the permanence of Prosperity Theology among the poor sections of society, we can see several meanings in the dynamics about losing and winning when it is related to money.

Key-Words: Faith. Prosperity. IURD. Cidade de Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – O QUE VEM ANTES DA PESQUISA?.....	10
1 DANDO INÍCIO AO TRABALHO DE CAMPO	13
1.1 Mapeando a Igreja Universal na Cidade de Deus.....	18
1.2 O Trânsito na igreja: fiéis e pastores	22
1.3 A Entrada no Campo.....	25
2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: DÍZIMO	32
2.1 Oferta e doação	40
2.2 A fogueira santa	44
3 ESTUDO DE CASOS	48
3.1 Sandra.....	48
3.2 Paulo e Silvia (e Dona Cida).....	53
3.3 Breno.....	56
4 DA TEORIA	59
4.1 O Dinheiro, a Riqueza e o Tudo.....	59
4.2 Mauss e Bataille: dádiva e dispêndio.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO – O QUE VEM ANTES DA PESQUISA?

No ano de 2012, comecei meu trabalho de campo na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na cidade de Seropédica – RJ. Os processos e casos sobre a IURD na mídia sempre me chamaram a atenção. Mas foi somente quando tive contato com minhas primeiras leituras na antropologia da religião, que decidi iniciar minhas pesquisas nesta área. O templo da IURD ficava na esquina de minha casa e as segundas-feiras, dia da reunião voltada ao dízimo, a igreja estava sempre cheia. O sacrifício cristão não se baseava somente em determinadas condutas ascéticas, nem em momentos dedicados a oração, mas sobretudo na doação em dinheiro pedida pelo pastor, que mantinha a aliança dos fiéis. O membro da IURD que busca ser visto como fiel a aliança com Deus, se priva de bebidas alcoólicas, drogas, cigarros, músicas e danças que não são do meio cristão. Em contraponto, o luxo e conforto não são somente liberados, como altamente valorizados. Como afirma Gomes (2011):

A atitude e o diferencial da IURD consistem no fato desta assumir que o dinheiro é um componente expressivo e integrante de seu sistema cosmológico. Além de ser visto como mediador-ritual, ele também entra no discurso da prosperidade, segundo o qual aquele que realmente exerce a “fé em ação” consegue “viver em abundância”. Esta postura é uma marca explícita de sua identidade religiosa, o que não contradiz o que é pregado pela igreja, seguindo argumentos bíblicos que justificam a prática de trocá-lo por benfeitorias.

Ter uma boa condição financeira com carros novos, casas grandes em lugares valorizados, construir e empreender são significados de benção e apresentados nos cultos como algo necessário para os que almejam a salvação.

Na minha infância durante a década de 90, mesmo sem ter visto os vídeos ou me recordar dos templos da Igreja Universal, minha casa e as missas católicas eram meus principais ambientes familiares e estavam sendo preenchidos com os comentários sobre o Bispo Edir Macedo, o chute na santa e a polêmica inovação de uma Teologia da Prosperidade que ganhava espaço no cenário religioso. Com o passar dos anos, eu notava que falar sobre a Igreja Universal era algo que em toda roda de conversa rendia assunto. A emergente crença que pede o dinheiro do fiel era algo visivelmente capaz de aumentar as capacidades de argumentação de quem quer que fosse. Em casa eu aprendi que era preciso ajudar os que passam necessidade, pois a pobreza era descaso do governo, reflexão gerada em minha família provavelmente pelas Campanhas da Fraternidade de nossa religião, em tempos da

Teologia da Libertação. Na igreja aprendi que Deus não abençoa seus filhos por merecimento, mas abençoa porque Ele é bom e generoso. Que dar esmola e fornecer meios para melhoria de vida dos pobres não é somente um favor, mas é papel de um cristão que quer se assemelhar a bondade de Deus.

Por volta dos meus quinze anos de idade comecei a trabalhar e cursar o ensino médio. Saí da escola de meu pequeno bairro para uma escola maior e mais distante de minha casa, via minhas relações se estenderem para além dos muros de minha igreja, minha família e amigos de infância. Descobri que não eram só os católicos que se doíam com a crença baseada na obrigação de “pagar” o dízimo, mas também pessoas das mais diversas profissões inseridas no mercado de trabalho, preocupados com o destino do dinheiro que não é “investido”.

Em 2010, me mudei para a cidade de Seropédica no Rio de Janeiro e comecei meu curso de graduação em Ciências Sociais. Na esquina de minha nova casa havia um templo da Igreja Universal do Reino de Deus. Minha rua era preenchida com cartazes e placas que anunciavam os cultos e reuniões feitas diariamente, os temas, horários e o público destinado aquelas reuniões. *“Está endividado? Problemas financeiros? Você pode mudar sua vida no Culto da Prosperidade todas as segundas-feiras”* – dizia o cartaz. Meu olhar corria para dentro da igreja tentando observar de fora o que acontecia lá dentro. Eu passava alí todos os dias e coincidência ou não, notei que nos dias em que eu usava vestido ou short curto, maquiagem e salto alto, nenhum obreiro me cumprimentava, sorria ou se dispunha a me entregar o “jornalzinho”¹. Enquanto nos dias em que estava de calça jeans e camiseta, ao modo “mulher comportada”², o obreiro que estivesse na porta da igreja me cumprimentava, era sorridente e gentil comigo. Era como se, dependendo de minha roupa a cada dia eu fosse uma pessoa diferente para eles. Mas, do mesmo modo que eles notavam minhas roupas, eu também notava as deles. Saias, blusas e calçados facilmente encontrados a preços populares nas feirinhas e pequenas lojas de Seropédica. Diversas vezes meus pensamentos me levavam a questionar a relação dessa aparente vida simples e pobre, inserida numa crença que fala da importância em ser rico. Entre leituras de autores das Ciências Sociais, me deparei com a necessidade e

¹ Modo como os fiéis de Seropédica mencionavam o Jornal Folha Universal.

² “Essas meninas da faculdade que ficam desfilando com o corpo de fora, não “tão prestando” muita coisa. Vocês precisam se distinguir dessas jovens, como mulheres comportadas” – fala do pastor em Seropédica - 2013

preocupação em compreender a crença destes fiéis que lotavam os cultos da Prosperidade, mas visivelmente viviam em um meio social cheio de necessidades.³

Imersa nos testemunhos expostos nos cultos televisionados, ouvindo sobre fiéis que vendiam seus bens para pagarem o dízimo e se tornavam milionários meses depois de seu sacrifício, olhava para aqueles na esquina de minha casa e acompanhava seus caminhos até o culto me questionando onde estava a mudança de vida prometida, que os levava entusiasmados ao culto toda semana. Se aqueles fiéis não estavam enriquecendo, o que os levava aquela igreja que fazia tal promessa? Posso dizer que durante a produção de minha monografia sobre este tema, caminhei e avancei na experiência da imersão no campo, na prática da pesquisa qualitativa e no prazer de escrever minha primeira pesquisa.

Tempos depois, já no mestrado, comecei a construir algumas questões ao presenciar diariamente esta realidade: como pertencer a uma crença que fala da importância em ser rico, quando não se tem dinheiro? o que mantém a crença dos fiéis pobres na Teologia da Prosperidade? O que significa prosperidade para estas pessoas? Para explicar o crescimento da IURD (que se intensificou principalmente entre as camadas populares da sociedade), precisamos adentrar esses templos localizados na periferia, ter contato com os fiéis do local afim de analisar o modo como a contradição de uma crença baseada em riquezas, consegue legitimidade em locais pobres.

³ Residindo em Seropédica por 4 anos (2010 – 2014), eu dependi totalmente do que a cidade podia me proporcionar. Minha rua tinha problemas com falta de saneamento básico, asfalto e esgotos a céu aberto. As ruas que não tinham asfalto, também não contavam com uma quantidade boa de postes de luz. A cidade não tinha hospital, mas contava com duas ambulâncias (uma estava sempre quebrada) e um posto de saúde. Os médicos deste posto de saúde, quando jovens, na maioria das vezes não eram se quer formados [sempre que precisei ser assistida por algum médico, eu questionava sobre tudo]. Inclusive, já fui atendida por uma enfermeira, que assinava prontuários e prescrevia medicações como médica. O transporte público e o acesso para fora da baixada fluminense também eram escassos. Estes problemas faziam parte da vida dos moradores da cidade. Atualmente, não sei ao certo qual a situação, mas ouço muitos amigos falando sobre grandes melhorias em alguns destes pontos que citei.

1 DANDO INÍCIO AO TRABALHO DE CAMPO

Iniciando o mestrado em 2016, me mudei para Jacarepaguá na cidade do Rio de Janeiro e novamente a IURD fazia parte do meu trajeto diário com um templo grande beirando a esquina do condomínio que moro atualmente. Percebi a grande oportunidade em dar continuidade à minha pesquisa e em algumas semanas já estava participando dos cultos procurando a melhor maneira de observar aquele lugar. Desta vez, o templo localizado na Cidade de Deus me permitia pensar aqueles fiéis pobres, pela lente de dificuldades e necessidades diárias bem diferentes da realidade de pobreza vivida em Seropédica. Agora os problemas se relacionavam com a violência do tráfico, com a exclusão social de um território marginalizado vizinho de bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro e com o eminente confronto entre policiais e traficantes, que tragicamente afeta o dia a dia dos moradores. A falta de saneamento básico, da coleta de lixo, de iluminação, problemas na estrutura das escolas e do posto de saúde, também existem neste contexto, mas diante de uma realidade que ameaça a vida destas pessoas, estes problemas tomam uma proporção menor no cenário da Cidade de Deus (ao menos para quem está de fora).

A primeira vez que caminhei pelas ruas da Cidade de Deus, pouco antes de iniciar meu mestrado, era uma tarde de terça-feira e eu usava um vestido longo, todo colorido e largo no corpo. Uma bolsa e sapatos marrons. Tenho a pele clara e estava com a maquiagem forte em tons de preto, cabelos loiros compridos e alisados. Estava vindo de uma entrevista para um processo seletivo. Havia dois policiais caminhando que me abordaram perguntando se eu estava perdida. Respondi que não. Os dois se entreolharam questionando minha falta de senso e seguiram dando risada. Poucos metros à frente, entrei em um mercadinho e comprei um doce. O atendente perguntou se eu sabia que estava na Cidade de Deus. Respondi que sim e que morava por perto. Então ele me “aconselhou” a não andar sozinha, porque era claro que eu não era daquele lugar e isso poderia ser perigoso para mim. Em menos de uma hora, três pessoas me abordaram questionando minha presença, considerei um número razoável de conselhos e preferi sair do lugar. Os olhos me acompanhavam nas ruas, mas não me sentia ameaçada. Fui para casa ainda mais curiosa. Não me esqueço o olhar dos que me abordaram como se eu estivesse fazendo algo absurdo.

O visual das ruas, vielas, casas amontoadas, os muros pichados, fios de eletricidade embaraçados e caídos nos postes, cachorros pelas ruas, o churrasquinho e o frango nas esquinas, as borracharias ocupando o pouco espaço das calçadas, já eram elementos que faziam parte de minha infância e adolescência na cidade de

Carapicuíba em São Paulo. Contudo, o registro de fotos da Cidade de Deus me possibilitou analisa-las dentro do espaço de meu quarto e perceber de que maneira eu poderia compreender aquele lugar.

As ruas mais transitadas possuem grande número de comerciantes, formais ou informais. Algumas travessas com farmácias, mercadinhos, pizzarias ou outras com vendedores de artesanato, de frango assado e moto taxi têm adultos e crianças circulando todo o tempo. Ruas bastante estreitas com blocos de cimento na entrada e na saída, explicadas abertamente servem para impedir a passagem de carros devido sua largura, mas entre “sussurros e boatos” de moradores, servem para impedir a entrada do caveirão em dias de operação policial na comunidade. Algumas ruas que quase não tem fluxo de pessoas, possuem pichações nos muros que demarcam o poder local do tráfico. A sigla CV (comando vermelho) é a mais encontrada. A cada duas ou três vielas, um rapaz (olheiro) está encostado na esquina observando. Nestas ruas também são deixados carros abandonados, que com o passar do tempo aparentam ser apenas uma sucata velha. A pracinha, centralizada na via principal que corta a Cidade de Deus, até o ano de 2015 era frequentada por idosos que faziam exercícios nos aparelhos para musculação. Durante um tempo este projeto funcionou bem, com a preservação do espaço e instrutor físico para os que faziam exercícios. Eu me alegrava sempre que via os moradores usufruírem de tal benefício. Atualmente o espaço se tornou cama para os moradores de rua, que deitam embaixo dos bancos para dormirem na sombra durante o sol forte da manhã. As grades estão pichadas, quebradas e servem de suporte para amarrar pedaços de pano que formam pequenas cabanas durante a noite.

Figura 1 - Imagem travessa CDD



Fonte: Google Maps – Visualizado em Agosto/2017

Figura 2 - Imagem travessa CDD



Fonte: Google Maps – Visualizado em Agosto/2017

Figura 3 - Imagem travessa CDD



Fonte: Google Maps – Visualizado em Agosto/2017

Figura 4 - Imagem travessa CDD



Fonte: Google Maps – Visualizado em Agosto/2017

Penso tantas coisas ao observar as pessoas, as crenças e as ruas na Cidade de Deus. Ir percebendo aos poucos, o modo como riqueza e pobreza se entrelaçam nas faces do cotidiano e principalmente, como é possível analisar o neopentecostalismo descobrindo um universo de simbolismos para conceitos tão objetivados, onde somente na precariedade da vida podemos enxergar seus vários significados (re)construídos. A recente experiência com meu trabalho de campo na IURD, me possibilitou compreender certas coisas: eu tinha pré-conceitos que me faziam ignorar as diversas possibilidades de compreender meu objeto de pesquisa. O caminho foi feito caminhando e mesmo depois de tanto ler sobre trabalhos etnográficos, sobre estar aberto ao que o campo traz, somente em minhas próprias experiências eu pude constatar minhas limitações, para então tentar construir um pensamento mais claro e aberto ao meu objeto de pesquisa. O campo trouxe a necessidade de me refazer como pessoa, para construir uma antropologia clara aos meus olhos e através de minha escrita. Surgiu também a necessidade de reescrever pensamentos e reconstruir questões diariamente. A premissa continuava: uma crença crescente entre as camadas pobres, baseada na necessidade de riquezas; no entanto, minhas perguntas se construía a medida que eu caminhava. Hoje percebo que jamais responderia a pergunta inicial de seis anos atrás “Porque os pobres continuam enchendo os templos da Universal, se eles não recebem nada em troca do

dinheiro que ofertam?”, pois nas próprias palavras dos fiéis, eles são recompensados de diversas maneiras. Quem disse que eles não recebem nada em troca? Quem disse que somente o retorno em dinheiro lhe fazem satisfeitos? Quem disse que eles precisam receber o que é prometido? A troca entre o divino na IURD e os homens acontece de maneira assimétrica, com muitas medidas e significados invisíveis aos olhos de quem está fora deste contexto. Meu trabalho de campo me alerta diariamente sobre a impossibilidade de buscar respostas nas palavras dos fiéis em questão, para perguntas pré formuladas por mim.

“*O que vem antes da pesquisa?*” foi a pergunta feita pela minha orientadora enquanto eu apresentava minha pesquisa, sem incluir minhas próprias observações e olhares. Percebi que uma etnografia sem uma análise pessoal de minhas próprias compreensões, se torna um texto com buracos que ninguém mais poderia preencher. Somente eu.

Há 5 anos tenho a Cidade de Deus como trajeto diário para minhas idas e vindas do dia a dia. Por três anos não haviam grandes problemas nisso, mas nos últimos dois anos, exatamente quando iniciei minha pesquisa, perdi as contas de quantas vezes estava indo para o culto e precisei voltar para casa por causa de tiroteio ou era impedida de ir para a faculdade pois os ônibus não estavam passando no meu ponto da Cidade de Deus. Também já marquei encontros que foram adiados pois as travessas estavam fechadas por operações militares. Quando decidi fazer campo, pensei que sabia onde estava me envolvendo e o que provavelmente observaria naquelas ruas, quis estar em um lugar que não estivesse sendo atacado pela mídia sensacionalista e tão pouco me desse a sensação de um risco iminente. Afinal, embora os de longe pudessem falar que a Cidade de Deus é um lugar perigoso, eu já estava me familiarizando com aquele cenário, seus sons e nada via de risco para mim. Me enganei pensando que poderia prever a calma pelos dois anos seguintes, mas com toda certeza minha escolha foi assertiva para as experiências que tive, pessoas que conheci e realidades de vida construtivas que encontrei, tanto para minha pesquisa quanto para a minha vida. Todo trabalho encontra seus obstáculos para ser produzido e no começo eu pensei que minha maior dificuldade seria o modo de me aproximar dos fiéis da IURD sem conhecer ninguém. Diante do medo que senti

diversas vezes quando fui a campo, a vergonha e o frio na barriga para puxar uma conversa com um desconhecido ficaram pequenos. Se eu ouvisse um tiro durante o culto, sentia medo e olhava para os lados afim de me acolher em outros olhares amedrontados, o que nunca aconteceu. Todos continuavam agindo com naturalidade, então eu disfarçava meu medo. Todos estavam naturalizados com o som dos tiros? Seria eu a única que sentia medo? Talvez eles também disfarçassem bem, como eu. Eu disfarçava bem? Ia longe e pensava tantas coisas. Voltava os meus ouvidos para o pastor e lá estava ele, ainda falando sobre dinheiro.

Quando caminhava para a igreja sem ter hora para voltar, eu queria aproveitar ao máximo o tempo que poderia conhecer gente nova, obter novas informações sobre suas vidas, sobre a igreja, afim de em tão pouco tempo construir minha pesquisa da melhor maneira possível. Os dias que tive sucesso em minhas tentativas foram durante os últimos meses. Não é fácil criar uma relação de confiança quando não se partilha a mesma fé ou quando o interlocutor diz que não quer que eu o acompanhe até sua casa, pois seus vizinhos desconfiariam de mim. Logo no começo da pesquisa, uma senhora da igreja me afastou pois disse que já estava falando demais de sua vida e acabaria falando também sobre as coisas que seus familiares faziam. Eu até tentei continuar o contato apenas por educação, mas em algumas semanas ela já nem olhava para mim.

1.1 Mapeando a Igreja Universal na Cidade de Deus

Ao observarmos o mapa abaixo, veremos que a IURD onde fiz campo está localizada a poucos metros da área delimitada Cidade de Deus, no entanto, por estar na via principal no limite da região, a igreja é considerada “Templo Sede da CDD”. Neste espaço existem dois templos da IURD. O templo menor é mais simples e apenas para celebrar os cultos diários, enquanto o templo maior, além dos cultos, também é destinado às visitas de bispos e pastores de outros templos, aos jogos de futebol dos jovens, às pequenas feiras de roupas e comidas, às reuniões regionais e às grandes campanhas de oferta. O Templo Sede tem estacionamento, quadra de futebol, uma fonte com chafariz, jardim sempre bem cuidado, estrutura alta com grandes portas, os bancos de madeira são fixos no chão e principalmente, este templo tem maior concentração de féis, mesmo aqueles que moram mais próximo ao templo menor se dirigem ao templo sede em cultos cotidianos. O altar é decorado com cores

entre o branco, marrom e dourado, exalando uma atmosfera de grandeza com seus vitrais bem iluminados.

Figura 7 - Mapa CDD



Fonte: Google Maps – Março/2018

Figura 8 - Templo sede na CDD.



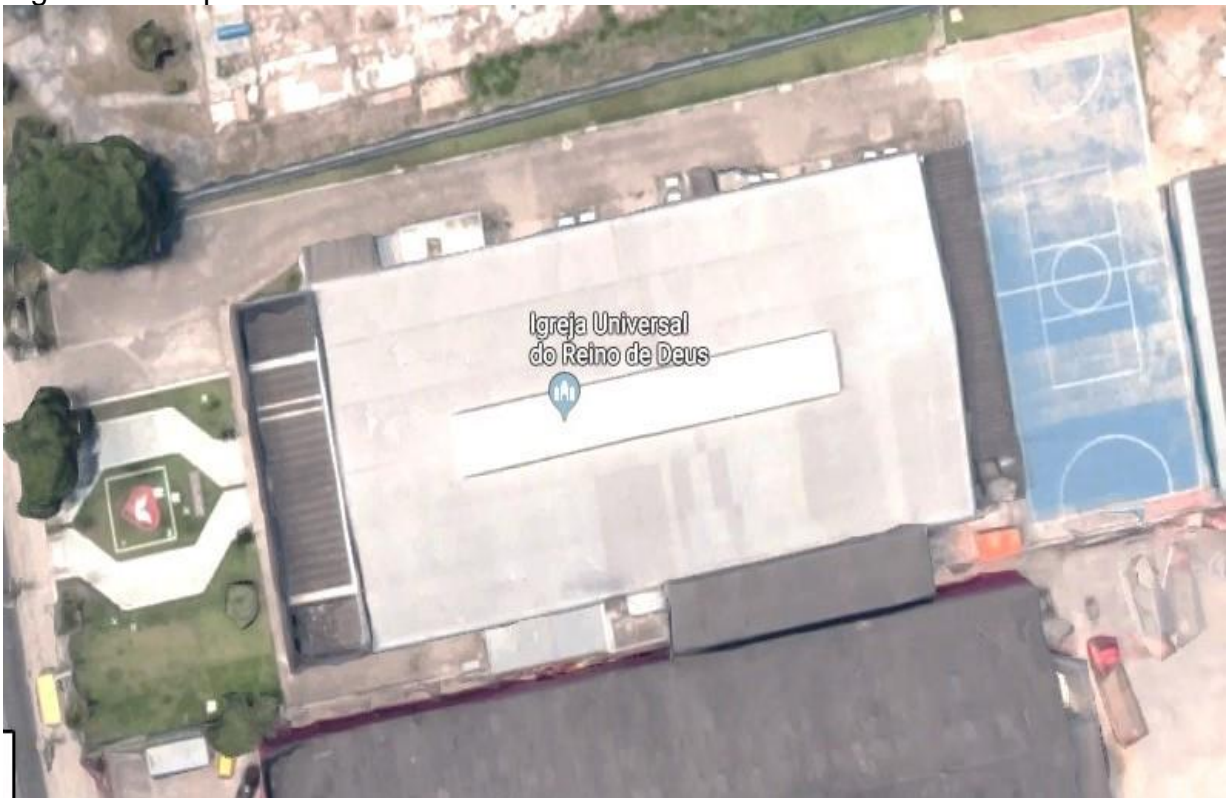
Disponível em: [facebook.com/UniversalCidadeDeDeusRJ/](https://www.facebook.com/UniversalCidadeDeDeusRJ/).

Figura 9 - Dentro do templo sede



Disponível em: [facebook.com/UniversalCidadeDeDeusRJ/](https://www.facebook.com/UniversalCidadeDeDeusRJ/).

Figura 9 - templo sede visto de cima



Fonte: Google Maps – Março/2018

Figura 11- Templo menor



Fonte: Google Maps – Março/2018

Em frente ao Templo Sede está o Supermercado Prezunic e algumas lojas de roupas, doces, restaurantes e uma agência do Correios. Costumo fazer compras neste mercado. É comum ser abordado por crianças nos corredores do supermercado, geralmente eles pedem leite em pó, alguma bolacha ou chocolate. Na maioria das vezes a tentativa não tem sucesso, pois os seguranças estão atentos aos pedintes e de maneira discreta os encaminham para fora, mas sempre que posso compro alguma coisa de comer para essas crianças.

A saída do supermercado é repleta de homens com carrinhos de mão e bicicletas, se oferecendo para fazer o transporte das compras daqueles que estão saindo do local. Ao lado do mercado, logo na calçada podemos ver uma barraca de peixe e uma de frutas, aos fins de semana também uma barraca de pastel com caldo de cana, sinalizadas com pedaços de papelão pendurados que anunciam os produtos e valores. A calçada que já é pequena, fica ainda menor com o comércio informal e muitos pedestres acabam caminhando na beirada da via principal com os carros passando bem próximos a eles. Pouco mais a frente, começam as travessas e vielas da CDD, um amontoado de casas, fios e pequenos comércios. Borracharias,

floriculturas, loja de sorvetes, barracas de lanches e churrasco, tudo se expande para as pequenas calçadas. As casas e apartamentos estão sempre em mudança, expandindo para cima e para os lados, “puxadinhos”⁴ de até 25m², que abrigam 4 pessoas, como é o caso de uma obreira que conheci na IURD. Na via principal, a empresa Light (responsável pela energia elétrica) está constantemente fazendo reparos na fiação e os buracos no chão são rapidamente consertados por ser uma via diariamente movimentada no trajeto Barra x Jacarepaguá. No entanto, estes são cuidados que não chegam com tanta frequência ao interior da Cidade de Deus. Basta uma breve caminhada pela via principal, para enxergar esgotos a céu aberto e sentir o cheiro por entre as vielas. O caminhão que recolhe o lixo passa apenas pela via principal⁵, por isso são colocadas caçambas nas esquinas para que os moradores juntem seus lixos. No entanto, é comum encontrar restos de lixo espalhados pela via, pois os cachorros e cavalos rasgam os sacos quando são deixados no chão. A quantidade de cachorros nas ruas é muito grande e isso não significa que eles não sejam cuidados pois frequentemente se vê latas de comida e água pelas esquinas, colocados para os animais de rua. Os cavalos e carroças também fazem parte do visual da Cidade de Deus, andam em meio ao trânsito como se fossem carros. As vezes só transportam mercadorias, mas também é comum ver as carroças cheias de adultos e crianças. Uma igreja católica, muitas igrejas evangélicas. A maior delas é a Igreja Universal, seguida da igreja católica e da Assembleia de Deus. Por fim, todos os outros templos são pequenos e podem ser confundidos com as pequenas portas de comércio na via principal da CDD.

1.2 O Trânsito na igreja: fiéis e pastores

Antes e depois do culto, me dedicava a observar o movimento no ponto de ônibus (em frente a igreja) e estacionamento do templo. Os idosos na maioria das vezes chegam caminhando ou descem de vans ou ônibus que fazem o trajeto “Taquara x CDD”⁶. Em grande maioria, os fiéis que entravam no culto vinham de

⁴ Construção de um imóvel, por extensão de um já existente.

⁵ As vielas são estreitas, algumas possibilitam a circulação de apenas um carro por vez, outras somente de pedestres e algumas travessas se mantem fechadas com barris de cimento colocados pelos moradores, justamente para impedir a entrada de carros.

⁶ Este trajeto parte do centro da Taquara e cruza toda a via principal da CDD até o fim. O caminho de volta é o mesmo. Logo, quem desembarca da van no lado esquerdo da via, está vindo de dentro da CDD e quem desce no ponto de ônibus do lado direito, está vindo da Taquara.

dentro da comunidade, enquanto era possível contar em um par de mãos aqueles que chegavam da Taquara.⁷ Os jovens e casais costumam chegar de carro ou moto. Aos domingos o estacionamento fica totalmente ocupado, mas na segunda-feira não são ocupadas nem metade das vagas. Os jovens chegam com suas camisas da FJU em grupos, rindo e alegres. Os fiéis chegam antes do culto, sem pressa escolhem um assento na igreja, enquanto passam pelos corredores cumprimentando e abraçando todos que estiverem ao alcance do olhar. No início, a cada culto eu me sentava em lugares diferentes, até perceber que os fiéis tinham seus “lugares marcados”, sentando quase sempre nas mesmas cadeiras. Resolvi fazer o mesmo e por um tempo me sentei em um determinado espaço, o que me possibilitou uma aproximação com alguns de meus interlocutores. Em minhas primeiras visitas ao templo, percebi como as pessoas me olhavam curiosas. Eu apenas chegava e me sentava, prestando atenção em tudo e seguindo os movimentos de toda a igreja, estando todos sentados, em pé ou de olhos fechados. Os relatos dessas observações, obtive frequentando cultos em dias e horários diversos no início de meu campo.

Facilmente se nota que os fiéis da igreja são predominantemente negros, a começar pelo pastor e sua família, bem como a população na Cidade de Deus. Em 2016, quando iniciei o trabalho de campo, o pastor responsável pelo Templo Sede na Cidade de Deus era o Pastor Valter. Aproximadamente um ano depois, ele se tornou pastor auxiliar e outro pastor assumiu a igreja. Na IURD, os pastores podem ser trocados de templo com menos de um ano de serviço, isso depende de vários fatores. De acordo com a própria explicação dos pastores, isso acontece para que eles tenham a consciência que sua vida não pode ter apego a um só lugar e como exemplo das histórias dos discípulos de Jesus, devem viver buscando lugares diferentes para evangelizar. Também ouvi a explicação de fiéis⁸ da Cidade de Deus e ex-pastores (através de vídeos na internet), que o pastor recebe uma meta de arrecadação para díizimos e ofertas. Se ele consegue alcançar essa meta em dinheiro, depois de um tempo ele se muda para um templo maior com uma meta maior. A qualidade do carro e da casa para viver com sua família, também depende da quantia arrecadada na

⁷ Vale lembrar que, na Taquara existe um “Templo sede da Taquara” praticamente do mesmo tamanho do templo na CDD. Os que estão a frente da organização na CDD, se reportam aos responsáveis pelo templo Taquara, como se numa escala de importância estivesse primeiro o templo da Taquara e em segundo o templo sede da CDD.

⁸ Quatro fiéis me contaram sobre o trânsito de pastores iniciando seu comentário com “Ouvi dizer que...”, “Falaram que..., mas eu não tenho certeza”, “Se eu te contar, você guarda segredo?”.

igreja. Se o pastor não alcança o valor sugerido, ele pode se tornar pastor auxiliar e posteriormente assumir a direção de uma igreja menor, com menor número de fiéis. Não tive a oportunidade de conversar com o Pastor Valter quando ele deixou a direção da igreja, mas gostaria de ter tido a coragem de perguntar sobre os “boatos” que os fiéis me contaram. Entendo que a busca por alcançar uma meta exerce pressão sobre o comportamento do pastor, talvez isto explique o modo tão incisivo como ele falava da obrigação do dízimo por alguns dias, enquanto em outros parecia estar tranquilo e usava palavras “menos pesadas” para cobrar o pagamento dos fiéis.

Como nos apresenta Gomes (2011), sobre as programações semanais da IURD, para cada dia da semana a Universal acolhe fiéis com problemas diferentes. Existem aqueles poucos que se esforçam para frequentarem os cultos diariamente, mas é notório que cada fiel seleciona o culto de acordo com seu maior problema no momento. A Força Jovem é sempre evidenciada com seus integrantes vestindo a camiseta do grupo, mas estes são minoria no culto da prosperidade, marcando grande presença nos cultos da Santa Ceia. Os fiéis que frequentam as segundas, geralmente também participam da sessão do descarrego as sextas, segundo a necessidade dada pelo pastor de exorcizar o espírito de pobreza que lhe cerca. Os casais que frequentam a “Terapia do amor” as quintas-feiras, são levados aos cultos da segunda, pois um relacionamento que passa por dificuldades financeiras pode ter grandes problemas, de acordo com o pastor. Enfim, o tema de um culto direciona o fiel a outro. O momento em comum dentre todos os dias na IURD, é o pagamento do dízimo e as ofertas. Independente do dia, todas as reuniões têm seus momentos de colocar dinheiro no altar.

Os mais idosos sempre soltavam alguns comentários nas conversas que os mais jovens jamais diriam. Após um convite do pastor, para que os fiéis se propusessem frequentar todos os cultos em todos os dias da semana, Dona Teresa de 61 anos se virou para mim (sem me conhecer) e riu dizendo: “Dá pra vir todo dia não. Não é todo dia que eu tenho oferta”. Diferente do jovem Breno (interlocutor mencionado do próximo capítulo), que não se importa em deixar seu pouco dinheiro todos os dias. Penso que, os mais velhos nascidos em outras crenças, tornados adultos antes mesmo da criação da IURD, adquiriram um senso sobre o dinheiro, diferente destes jovens que integram a segunda geração da Igreja Universal. Diferente da primeira geração de fiéis, atualmente já existem jovens e crianças que nasceram em uma família integrada a IURD e isso gera a produção de uma mentalidade de

verdade de vida baseada na Teologia da Prosperidade. A obrigação de pagar o dízimo como condição para chegar ao céu já foi ensinada por 40 anos. O que vejo nos tempos atuais da IURD, é uma juventude que associa o dízimo como primazia da fé cristã, verdade indiscutível para eles. Esta verdade de fé está sendo levada à frente e novas igrejas já nascem a partir deste pensamento.

1.3 A Entrada no Campo

Em uma segunda-feira às 18:00hrs, entrando no templo da IURD fui abordada pelo Sr. Roberto, que se apresentou e me chamando de obreira⁹ pediu que eu o ajudasse a entregar a pilha de jornais *Folha Universal* que ele estava carregando em direção ao portão. Também me apresentei e lhe informei sobre o engano, dizendo que sou estudante de pós-graduação e estava ali para fins de pesquisa. Dada sua abertura e simpatia em conversar, comecei a questioná-lo sobre sua vida. Os idosos sempre foram mais receptivos e menos desconfiados comigo. Com agradáveis conversas, não havia tensão para qualquer pergunta que eu fizesse.

Roberto tem 74 anos e deixou a Igreja Assembleia de Deus (AD) há 7 anos para frequentar a Igreja Universal. Depois de vários problemas com sua esposa por problemas de saúde e dificuldades financeiras, começou a se desmotivar em ir ao culto na AD. Perdia o sono e se distraía assistindo aos programas televisionados, dentre eles, os cultos que passavam durante a madrugada. Depois de alguns meses, decidiu ir pessoalmente ao templo mais próximo de sua casa (este mesmo que estávamos).

Os cultos me davam a esperança que precisei. Ser pobre, morar de aluguel e depender do dinheiro da aposentadoria da esposa, é uma vergonha para um senhor da minha idade. O pastor sempre dizia “não basta assistir pela televisão, você que está em casa precisa visitar um templo e fazer sua oferta”. Em minha primeira visita aqui, dei 10% da aposentaria de minha esposa. (Sr. Roberto – Trecho caderno de campo - Novembro/2017)

Com o tempo e boas conversas, aprendi um pouco mais sobre a vida de Roberto. Recém-casado, ele e a esposa vieram de Itaguaí na década de 80 para morar em uma das primeiras casas do conjunto habitacional construído na CDD. Pagaram aluguel por um tempo ao dono, enquanto construíram sua própria casa em

⁹ Os obreiros auxiliam o pastor nos compromissos da igreja, cultos, reuniões e missões fora do templo.

uma rua próxima. Roberto se manteve com a renda de pedreiro por mais de 20 anos, trabalhando na Cidade de Deus mesmo, em uma época onde a quantidade de moradias cresceu muito rápido e não faltava trabalho. Sua esposa não trabalhava e já muito cedo começou a receber um auxílio mensal para custear seus problemas de saúde. Foi quando a situação de vida começou a mudar. Os trabalhos como pedreiro não apareciam com tanta frequência e o casal começou a passar dificuldades. Foi quando começaram a frequentar a Igreja Assembleia de Deus, que segundo Roberto, não lhe ajudou em nada a enfrentar tamanha dificuldade financeira que passara naquela época. Ele já acreditava que Deus existe e que a fé o ajudaria a enfrentar seus problemas, mas vivendo em um lugar cheio de precariedades e com o dinheiro contado para o mês, Roberto afirmou que não via grandes mudanças para sua vida e nem esperava se tornar rico um dia, mas procurava um caminho que desse sentido à sua pobreza.

Segundo Roberto, aprender sobre a Teologia da Prosperidade fez com que ele mudasse o modo de pensar sua própria vida. Usar o dinheiro da esposa para pagar o dízimo não é problema, afinal, toda benção que ele pode receber por selar esta aliança, proporcionará também o bem-estar de sua esposa. Segundo ele, os testemunhos sobre “como se tornar um empreendedor” se direcionam mais aos jovens, enquanto em seu caso, o melhor proveito a ser tirado desta fé é compreender que somente por pagar o dízimo ele já será diferenciado dos outros, bem visto como membro dentro de sua igreja e admirado na sua vizinhança como alguém comprometido com a religião. Com orgulho, Roberto me contou que na porta de sua casa o adesivo “Dizimista fiel” se destaca, (em suas próprias palavras) “... *para que todos na rua possam saber que sou diferente e importante, porque assumi uma aliança com Deus*”. Se mantém orgulhoso ao mencionar as amizades que construiu na igreja e afirma que, mesmo não se tornando rico, ele continuará pagando o dízimo e fazendo ofertas pois a mudança de pensamento que a igreja lhe proporcionou e as alegrias de suas amizades valem mais do que os 10% deixados no altar.

Depois de conversar com o Sr^o Roberto, me dirigi ao pastor e expliquei brevemente meu projeto de pesquisa, pedindo permissão para participar da rotina da igreja como estudante e pesquisadora. Ele respondeu sorridente que eu poderia ficar

a vontade e antes de terminar a frase já estava caminhando e acenando para mim. Não questionou, mas também não me deu atenção.

O culto começou pontualmente as 19:30hrs entre orações e clamores do pastor e dos fiéis. As falas são de negação de tudo que os afasta da possibilidade de serem ricos, pedem a Deus que mande para longe todos os espíritos diabólicos da pobreza, da dívida e do desemprego. Na realidade destes fiéis, é comum ouvir pedidos como: “Tira meu nome do SCPC¹⁰”, “Que eu saia do cheque especial”. Entende-se que tudo que atrapalha o caminho do fiel rumo a riqueza, vem de uma ordem transcendente superior a ele, comandada pelo diabo. Sendo assim, se o fiel está endividado, as explicações giram em torno da força autônoma do mal diabólico. Os seres humanos não têm força para combater o mal, a única solução é se manter aliado com Deus (através do dízimo).

Após o momento de oração, o pastor entrega o saquitel¹¹ aos fiéis. Em templos grandes com cultos televisionados, é geralmente neste momento que as pessoas vão à frente do templo para testemunhar sua ascensão social, crescimento financeiro, mudança de vida com acúmulo de bens materiais. Ressalto que, em 4 anos com incontáveis cultos que me fiz presente, não presenciei sequer um testemunho. Algumas histórias que buscam inspirar mudanças de vida e testemunhos são lidas e refletidas pelo pastor, por vezes mencionando também passagens bíblicas ele segue explicando como a riqueza e a ousadia são importantes para Deus.

De fato, existem versos na Bíblia que mencionam o dízimo, no entanto, colocar esse fator *a priori* da fé foi algo totalmente inovador da parte da IURD.¹² A seguir, listo alguns dos versos bíblicos citados neste culto:

Pode um homem roubar de Deus? Contudo vocês estão me roubando. E ainda perguntam: ‘Como é que te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas. Vocês estão debaixo de grande maldição porque estão me roubando; a nação toda está me roubando. Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em minha casa. ‘Ponham-me prova’, diz o Senhor dos Exércitos, ‘e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las. (Malaquias, Capítulo 3: Versículos 8-10)

¹⁰ Serviço Central de Proteção ao crédito (SCPC)

¹¹ Saco pequeno, para guardar o valor do dízimo.

¹² Segundo a autobiografia “Nada a Perder” da Editora Gráfica Universal, Macedo fez suas primeiras reuniões em praça pública, num coreto no bairro do Méier, zona norte do Rio de Janeiro, onde diariamente, pregava para os que ali passavam. Fez-se então, os primeiros fiéis da IURD e, por indicação destes, Edir Macedo alugou uma antiga funerária e preparou o local para as reuniões de sua igreja.

“Há quem dê generosamente, e vê aumentar suas riquezas; outros retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza.” (Provérbios, Capítulo 11: Versículo 24)

“Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas as contribuições e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas. Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor. Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: ‘Afirmo que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía pra viver.’” (Marcos, Capítulo 12: Versículos 41-44)

Mesmo com as leituras tiradas da Bíblia, o pastor reflete sobre prosperidade e pobreza, baseado segundo ele, nos entendimentos do Espírito Santo dados somente aos pastores e bispos. Pouco ou quase nada se explica sobre a Bíblia, apesar de ser muito citada. Após os conselhos, o pastor explicou que se o fiel é pobre a culpa é dele, mas ao mesmo tempo não é. A explicação para a pobreza não é social, mas espiritual. Todos podem se tornar ricos, pois no nascimento temos as mesmas habilidades e capacidades. Com o tempo, as pessoas se enfraquecem e são tomadas pelo espírito da pobreza. Portanto, se o fiel é pobre ele tem culpa porque não se protegeu do diabo através da aliança com Deus, mas também não tem culpa porque quem promove sua pobreza é o diabo que está tomando conta de suas ações. A fala do pastor de que *“todos temos as mesmas chances na vida e basta crer para ter dinheiro”* sempre me despertou certa indignação. O pastor afirmou para mim e reafirmaria para qualquer um essa verdade. Será que ele realmente acredita nisso, mesmo diante das diferenças sociais e raciais que podem ter batido a sua porta por ser um negro da favela? Confesso que, nem tudo que ouvia naquele templo despertava meu interesse positivamente. Coisas como essas explicações sobre merecimento e mérito, me deixavam aflita. Sob o entendimento de que aquele era o ponto de vista e a verdade daquelas pessoas, segui focando minha pesquisa nos pontos relevantes que davam rumo às minhas questões. Relato estas falas apenas para que saibam da existência de líderes religiosos que propagam este pensamento entre os fiéis da IURD na Cidade de Deus. Ademais, deixo possíveis observações mais profundas para possíveis pesquisas futuras.

Ao fim da minha primeira visita neste templo, fui abordada pela obreira Juliana. Sorridente e simpática pediu meu nome e telefone. Ela disse que ligaria para futuros convites dos eventos da igreja, mas nunca ligou. Este foi meu primeiro culto na Cidade de Deus. Os próximos se misturam entre observações e relatos.

No culto seguinte quando encontrei a obreira, sorridente lhe desejei boa noite, mas não tive nada além de um simples gesto. Acenando com a cabeça ela passou longe de mim. Sabendo que este não era um comportamento comum, pois os obreiros são sempre muito amigáveis, fiquei incomodada. Com o passar dos dias, fui percebendo que alguns dos que dirigiam o culto (tecladista, pastor e duas ou três obreiras me observavam desconfiados). Tentei alguma aproximação com estes, mas não tive sucesso. Penso que, muito provavelmente o pastor tenha comunicado algumas pessoas sobre meu papel nos cultos e isto pode ter causado certo desconforto com minha presença no templo. Fiz contato com algumas obreiras, mas nada que me permitisse saber, falar ou acompanhá-las em sua rotina diária. Quantos aos obreiros, estes nem se aproximavam. O pastor constantemente pregava sobre o perigo da aproximação entre um homem e uma mulher,¹³ sobre o pecado do adultério, sobre como fugir das tentações e oportunidades de pecado, ensinando que homem casado não devia conversar a sós com uma mulher. Sem êxito tentei alguma aproximação com dois obreiros, mas não demorou muito para que eu me notasse como uma oportunidade de pecado. Já o pastor sempre me tratou muito bem, convidava para as atividades de evangelização e afirmava que era questão de tempo para que eu me convertesse e fosse dizimista.

Certa vez durante o culto da prosperidade, o pastor entregou um papel em branco para que cada um escrevesse seu sonho de consumo atual. Pedi que todos levassem o papel até o altar e mergulhassem em uma bandeja cheia de suco de uva que simbolizava o sangue de Cristo. Didaticamente, o pastor explicou que quando Cristo morreu na cruz, ele sangrou por nós e prometeu que seu sangue derramado nos livraria de qualquer sofrimento. A ideia era que o fiel mergulhasse seu desejo naquilo que representava algo sagrado, para que seu sonho de consumo também se tornasse sagrado. Escrevi a palavra “Carro” em meu papel e fui em direção ao altar, com um riso disfarçado me peguei pensando “vai que dá certo e eu consigo um carro” (risos). Ao chegar em frente ao pastor, mergulhei minha mão na bandeja e molhei todo o papel, enquanto o pastor segurava forte minha cabeça fazendo orações para que eu fosse libertada do espírito da pobreza. Penso que não senti o mesmo que os fiéis, mas certamente fui afetada. Os obreiros a minha volta com os braços estendidos

¹³ Principalmente no Culto da Terapia do Amor, onde solteiros recebem conselhos para encontrarem um companheiro e casados aprendem como preservar o casamento.

sobre mim, as mãos do pastor em minha cabeça com sua voz gritante próxima aos meus ouvidos, tentei disfarçar o tremor em minhas mãos me sentindo desconfortável com a situação. Breno, um dos meus interlocutores, me falou da mesma sensação que tem quando o pastor “ora nele”, afirmando que são indícios de que a pessoa manifestará o demônio e seria bom se eu fosse no culto da sexta-feira para me libertar.¹⁴ Aquele dia certamente foi diferente para mim e saí do culto me sentindo no mínimo, perturbada. Quando estava saindo da igreja o pastor apontou para mim e disse em bom som “*Tô achando que você vai ficar nessa igreja, ein?!.*” Certamente não fui a única afetada naquela noite. Depois deste dia, notei que o pastor me dava mais atenção, seja com apertos de mão, sorrisos ou acenos. Ele acreditava que eu me tornaria uma fiel da IURD, por isso decidi não participar mais dos rituais. Esta foi a segunda vez, até o momento.¹⁵ Ser vista como alguém que se converteria era uma posição indesejada por mim. Neste caso, levando muito tempo para conversão eu começaria a ser tratada como um peso para o pastor.¹⁶ Colocando a situação na balança, optei por ser só observadora durante o culto e participar da vida dos fiéis somente fora da igreja. Em meu campo, aprendi que é preciso ter cautela quando o assunto é IURD. Se conversasse muito com homens, seria vista como adúltera. Se fizesse muitas perguntas, já me perguntavam se estava escrevendo algo que fosse prejudicar a igreja. Todos os fiéis que tive contato no início do campo, perguntavam se eu estava gravando e se poderia não mencionar o nome deles em minha pesquisa.¹⁷ Os fiéis sabem que integram uma igreja que sempre passou por dificuldades para projetar e manter sua autenticidade¹⁸, entendo estas atitudes.

Na medida do possível, tentava não me destacar entre os fiéis. De calça jeans, sapatilha e uma blusinha do tipo *Godlywood*¹⁹, me sentava a cada culto em um

¹⁴ Sobre o culto da Libertação as sextas-feiras, ver Almeida (2009) – A Igreja Universal e seus demônios

¹⁵ A primeira foi em Seropédica – RJ (2013). Entreguei um envelope no altar, como se estivesse pagando o dízimo, mas não gerou muito efeito, visto que os que sabiam que eu não era membro estavam de olhos fechados e não viram.

¹⁶ Segundo uma obreira do templo, quando você frequenta os cultos mas não se torna um dizimista, os fiéis começam a te ver como um “espírito de pobreza” que está impedindo o crescimento de todos que participam dos sacrifícios. Durante uma pregação, já ouvi do pastor que “se apenas uma pessoa aqui dentro não acreditar na prosperidade, todos os outros podem pagar por essa falta de fé e continuarão sendo pobres”. (Trecho caderno de campo – setembro/2017))

¹⁷ Os membros da igreja são motivados (pelos bispos e pastores) a falarem somente dos milagres de sua vida aos não-membros, sem muitos relatos sobre o cotidiano na IURD ou sobre suas dificuldades. Segundo os pastores, falar das dificuldades é coisa de “espírito pobre”. Todos os nomes citados nesta dissertação foram trocados por nomes fictícios, escolhidos pelos próprios interlocutores. Apesar de não serem “engajados” nos grandes movimentos da igreja, eles seriam facilmente identificados.

¹⁸ Sobre o caminho da IURD pela autenticidade e visibilidade, ver Gomes (2011).

¹⁹ Roupas “comportadas”: ombros cobertos, sem decote, saia abaixo do joelho ou calça que não marque tanto o corpo, sapato discreto e delicado, maquiagem clara (relato de membro da IURD em

assento diferente. O pastor parecia ter um contato íntimo com a maioria dos membros, pois muitas vezes durante sua pregação ele chamava alguns pelo nome e dava exemplos sobre a realidade de vida daquelas pessoas. Relato abaixo uma situação que presenciei, onde o pastor comparou dois casos diferentes durante o culto:

Fátima, vou dar seu exemplo, ok? Esses dias a Dona Fátima estava me contando que várias vezes ela precisa gastar parte do dinheiro separado pra oferta, com a compra no mercado, mas que ela gasta o necessário. Tendo o que comer no almoço e na janta já está bom, porque ela se comprometeu em jejuar e fazer sacrifício para alcançar riquezas. Ela vai conseguir? Claro que vai! Continue firme Dona Fátima, eu acredito na senhora. Todos batem palma e Dona Fátima sorri orgulhosa, e o pastor continua... [...] Mas agora também preciso falar do Mendes (olhando para o homem sentado a sua frente e rindo). O Mendes veio me contar hoje, que ele acha que não está prosperando porque tirava dinheiro do saquitol para comer hambúrguer e pizza no fim de semana. Você acha que não prospera por causa disso, Mendes? Porque eu não acho, eu tenho certeza. Todos dão risada, inclusive o tal do Mendes todo cabisbaixo e visivelmente constrangido. (Culto celebrado na Cidade de Deus em agosto de 2017)

Por vezes, eram exemplos positivos, mas também haviam exposições que geravam constrangimento. Os fiéis acompanham os gestos do pastor, se ele rí todos riem, se ele aplaude todos aplaudem. Só eu e o Sr. Mendes não vimos graça neste comentário, fomos os únicos visivelmente surpresos com essa exposição, embora esses comentários compartilhados pelo pastor acontecessem com frequência.

fevereiro de 2017). Sobre Godlywood ler “Mídia e performance de gênero na Igreja Universal: O Desafio Godlywood” de Jacqueline Moraes Teixeira. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v34n2/0100-8587-rs-34-02-0232.pdf>. Acessado em: 09 de janeiro de 2018.

2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: DÍZIMO

Durante o culto da segunda-feira, o pastor explica diversas vezes sobre os motivos que fazem a obrigação do pagamento do dízimo.²⁰ Essas explicações são iguais, seja nos cultos do Templo do Salomão, em templos grandes ou pequenos. O interessante neste contexto, é observar que após algumas leituras bíblicas, as interpretações e exemplos no culto interagem com a realidade de vida daqueles fiéis.

Quando o traficante decide entrar para a vida do crime, está disposto a dar sua própria vida pra defender sua parte. Se ele carrega droga em sua mochila, pode vir o policial que for, que mesmo assim ele precisa defender sua aliança com o chefe do tráfico. Ele sabe que a vida dele depende do seu esforço pra cuidar daquela droga. Agora eu falo pra vocês meus filhos: do mesmo modo que um traficante consegue dar tudo pelo tráfico, vocês são pessoas de Deus e também precisam dar tudo para garantir sua salvação. Para o traficante não importa se a pessoa que ele mais ama vem dizer que ele está errado, não importa se ele passa dificuldades para pagar suas dívidas e precisa pegar coisas dentro de casa, ele prometeu ser fiel e ele precisa ser porque se não vai pagar com a vida. Com Deus também é assim. Não importa se sua família te diz que dar dinheiro para a igreja é errado, se as vezes você tira dinheiro de casa para pagar o dízimo, pois o importante é a sua consciência tranquila nas suas obrigações com Deus. Não tô dizendo que o tráfico é exemplo de alguma coisa correta e leal, só falo disso porque assim como Jesus falava dentro do contexto da época dele, eu também quero ensinar conforme o que a gente vive por aqui. (Culto na CDD – Pastor Valter – Março/2017)

Enquanto o pastor dava este exemplo, os fiéis cruzavam olhares demonstrando que estavam convencidos da importância do que estava sendo dito. É comum que os exemplos sobre aliança, lealdade e confiança sejam dados a partir de contextos de violência, do tráfico, de conflitos entre marido e mulher, pois segundo o pastor, *“dar exemplos a partir da realidade de vida comum na CDD é a melhor forma de fazer as pessoas entenderem o dízimo”* (caderno de campo – Março/2017).

O momento reservado ao pagamento do dízimo é muito bem preparado na estética do culto. Antes que os fiéis façam o pagamento, o pastor evangeliza, fala da Bíblia e vez ou outra entrega um papel com alguns exemplos de vida ou ensinamentos a fim de ensinar aos fiéis *“a ousadia da fé racional”* (termo usado pelo próprio pastor durante o culto). Este papel poderá conter algum texto dos bispos, geralmente publicados no site da Universal ou algo que o próprio pastor local tenha escrito.

²⁰ O pastor ensina aos fiéis que o dízimo era prática de adoração para os israelitas, o costume de dar 10% de tudo que se produzia vem desde Abraão no Antigo Testamento, chegando ao Novo Testamento nos livros de Mateus e Hebreus --- As leituras sobre o dízimo feitas pelo pastor, são: Gênesis, Capítulo 14, Versículos 18 ao 20. Mateus, Capítulo 23, versículo 23. Hebreus Capítulo 7, versículo 2.

Anexo abaixo, dois papéis que recebi durante o culto que serviram como base para a pregação do pastor.

Figura 12 – Não Tenha medo de aprender coisas novas

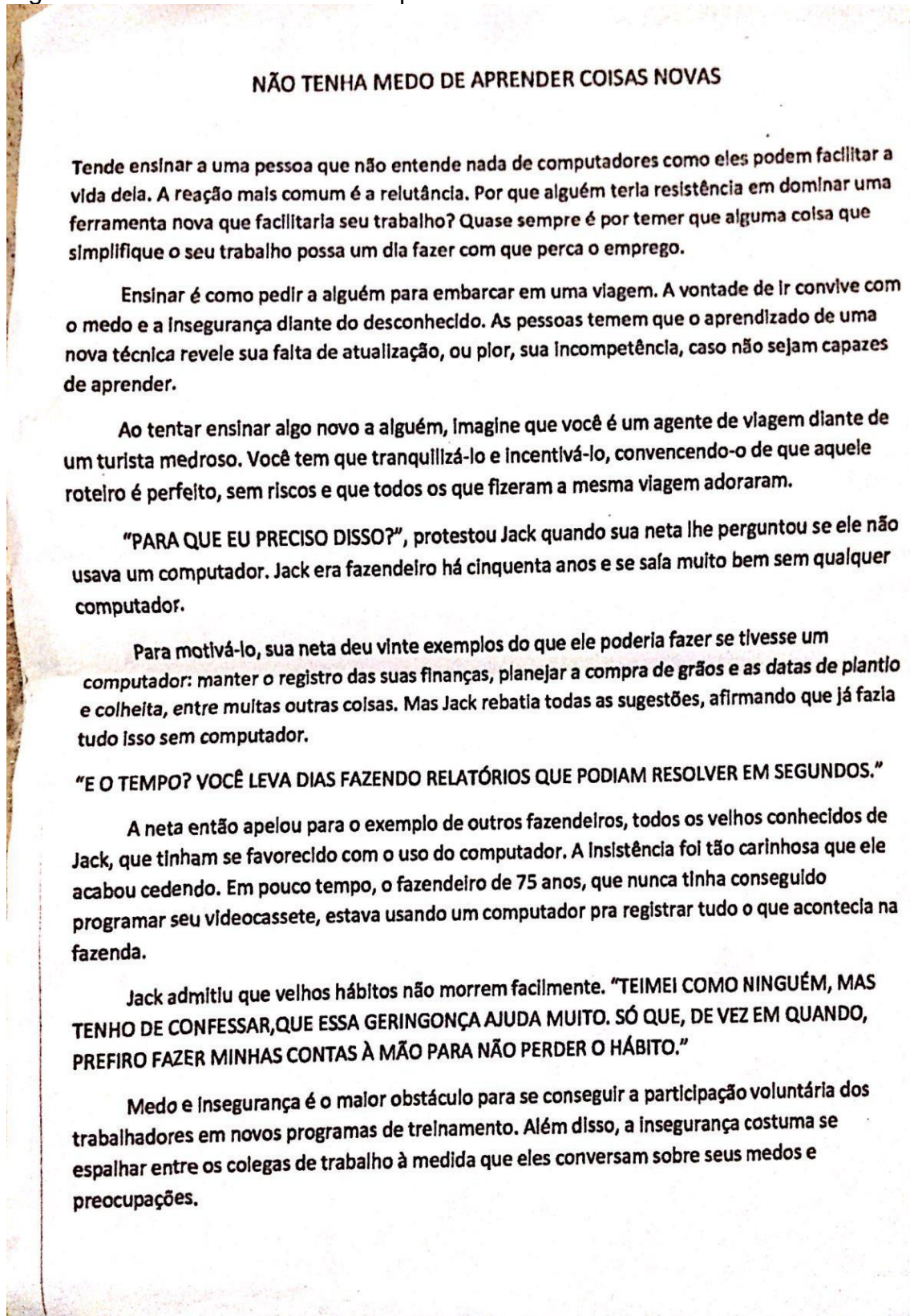


Figura 13 – Não basta ter talento

Não Basta ter Talento

Você precisa de confiança para ter sucesso. Você já ouviu isso, já leu sobre isso, sabe disso. Confiança significa auto-estima, e esta deve ser construída com base no respeito próprio.

Por mais que tenhamos confiança em nós mesmos, sofreremos quando fracassamos e ficamos abalados com os resultados negativos.

Por isso não basta saber o quanto você é capaz ou talentoso, é preciso que tenha plena consciência de quem você é – a sua essência. Quando algum acontecimento minar sua auto-estima, você precisa ter uma fé inquestionável em você mesmo. Essa fé na sua integridade irá ajudá-lo a sobreviver a uma derrota ou até mesmo a uma série de fracassos. Será seu ponto de partida para reconstruir sua vida e sua auto-estima.

Peter é o reitor da Escola de Direito da Universidade de Pittsburgh. Ele diz aos alunos que, mesmo que conheçam todas as leis e confie muito em si mesmos, sua educação não está completa. "Você precisarão de coragem, especialmente se querem se tornar líderes em suas comunidades e em suas profissões. Se defendem mudanças, têm de compreender que não há qualquer mudança sem que alguém se sinta ameaçado e reaja."

"O reitor adverte os estudantes sobre a tentação de "pegar o caminho, mas fácil" e "usar a lei do menor esforço". Para resistir, eles devem ter profunda consciência de que suas ações servem de exemplo para os outros, "A melhor medida para julgar o exemplo que alguém dá como líder, advogado, cidadão ou pai de família é a justiça e a decência com que essa pessoa trata os outros seres humanos. "Pode ser um amigo ou um inimigo, um colega ou um oponente, um superior ou um subordinado."

Se seguirem este caminho, diz Dean Shane, "você irão ter o privilégio de olhar para trás e ver uma vida bem vivida.

A auto-estima por si só não prediz o sucesso. Na verdade, as pessoas com uma auto-estima muito elevada são 26% mas vulneráveis ao fracasso e a contratempos por causa do efeito devastador que um resultado negativo possa á imagem que elas têm de si mesmas.

Assim que pegava estes folhetos, me saltavam aos olhos os erros de português, os nomes de pessoas e cidades estrangeiras (que os fiéis tinham dificuldade para pronunciar), a predominante presença do papel do homem sempre como exemplo de inovação, e por fim, as vezes que o pastor se perdia nas explicações sobre o texto que ele mesmo afirmava ter escrito.

O texto da Imagem I foi escrito pelo próprio pastor da IURD – CDD. Ele nos disse que explicaria frase por frase do seu texto e começou a leitura. A primeira frase “*Tende ensinar a uma pessoa que não entende nada de computadores como eles podem facilitar a vida dela*”, ficou confusa para mim e provavelmente para o próprio pastor, que após lê-la três vezes, seguiu lendo todo o parágrafo até o fim. A interpretação foi a seguinte:

Aqui tem bastante gente de idade, não é? E vamos combinar meus filhos, gente velha é teimoso. Ô povo de cabeça dura, como Deus já tinha falado na Bíblia. Sabe que existem coisas modernas que pode facilitar a vida, mas continuam fazendo tudo do jeito mais difícil. É isso que eu quero ensinar para vocês hoje. Vamos continuar lendo pra entender como Jack conseguiu aprender coisas novas”

Após a leitura do segundo e terceiro parágrafo o pastor afirma ser responsável por tirar o receio do coração dos fiéis da Igreja Universal. Falando sobre o medo e a insegurança como grandes obstáculos para se tornar um empreendedor, explica que não faz diferença se todos naquela igreja moram em um lugar com condições de vida precária, pois o que realmente importa é deixar o medo de lado. O fiel que não tem medo, consegue ver oportunidade na dificuldade.

Muita gente na Cidade de Deus sofre com goteira no teto, não é verdade? Mas eu nunca vi ninguém pensar numa solução inovadora, fácil e barata pra isso. Olha, eu não invento nada porque minha missão é ser pastor, mas se eu fosse um trabalhador como vocês não daria só um saquinho de dinheiro. Traria meu dízimo em um carrinho de bebê igual este aqui (aponta para um carrinho de bebê), só que cheio de dinheiro.

Os trechos seguintes falam sobre o caso de “Jack”, personagem inventado pelo pastor para “clarear” as dificuldades que os fiéis sentem quando aprendem coisas novas. Nomes como “Jack”, “William”, “Rick” são comuns nos casos formulados pelos pastores para exemplificar o que pretendem. Estados, cidades e nomes de empresas em inglês também são muito usados. Nos inúmeros cultos que participei, não recebi ou ouvi nenhum exemplo (inventado pelo pastor) que trouxesse uma mulher como personagem principal.

O pastor fala sobre seu texto todo orgulhoso, sorridente e lembrando aos fiéis a todo momento que aquela história foi uma inspiração de Deus que ele preparou e pensou a semana toda. Me recordo de um senhor que tentava pronunciar o nome “Jack” e como se estivesse pensando alto, não entendia como um fazendeiro poderia ter o apelido de uma mulher (como Jack do nome Jaqueline). Claramente, aquele homem não estava familiarizado com aquela pronúncia. Provavelmente, outros ali também não estariam.

A história de “Jack” serviu para que o pastor incentivasse o desejo por coisas novas na vida, afirmando que se aqueles fiéis moram em um lugar pobre, provavelmente é porque ainda não cresceram na vida como Deus espera. Assim como o fazendeiro demorou para decidir usar o computador, que segundo sua neta facilitaria sua vida e seu trabalho, muitos moradores da Cidade de Deus precisam optar por novos trabalhos, novos meios de ganhar dinheiro, pois se eles fizerem o que todo mundo faz (como vender Avon, Açai ou sorvete – exemplos usados pelo pastor), vão ter a vida como a de todos os outros.

O último parágrafo do texto foi lido e em seguida o pastor começou a orar de olhos fechados. Todos fizeram o mesmo.

Durante este momento de leitura, se o pastor nota que as pessoas estão lendo sozinhas e não acompanham o que estava sendo explicado, todos são repreendidos pela frase: *“Prestem atenção em mim, porque a leitura de vocês mortifica, mas o espírito vivifica!”* (Grifo meu, destacando o momento em que o pastor falava bem alto e apontando incisivamente para os fiéis). Todos se voltavam atônitos para a fala dele. Por vezes, ele lia uma coisa e dava um exemplo que ao meu ver não tinha menor ligação com o que ele estava falando, mas parecia fazer sentido aos fiéis que acenavam positivamente com a cabeça e olhavam encantados para o pastor. Sem dúvida, as características de um pastor da Igreja Universal prendem a atenção dos que estão presentes. Os olhares de admiração e o silêncio do momento em que ele está falando, sustentam seus discursos e a cada “Amém” falado entre um ensinamento e outro, ele parece mais confiante e mais convicto do que ensina. Essa liberação de energia, certamente é algo que afeta (de várias maneiras) todos os presentes. Alguns choram, outros acenam com a cabeça, alguns movimentam os braços no ar... uma infinidade de expressões de retorno aos gestos do pastor.

Este momento é feito para incentivar os fiéis no desejo de alcançar coisas novas e maiores do que já se tem e é feito em todos os cultos, de qualquer lugar, de

maneiras diferentes. Nos cultos televisionados, este tempo é destinado aos testemunhos de membros da igreja que se dispõem a falar sobre sua mudança de vida, sobre como enriqueceram e quais foram suas atitudes que proporcionaram uma vida mais confortável.

Eu permanecia quieta em meu lugar, mas por dentro sentia e pensava milhares de coisas sobre o que estava sendo dito e visto. Certamente não sentia o mesmo que os fiéis, mas considero importante registrar que como eles, também dispendi de algo meu naquele templo. Para além do culto, mas também na companhia dos fiéis em suas rotinas, ofertei meu tempo, meus esforços, meus ouvidos e meu corpo para a produção desta pesquisa. Ofertei para produzir algo. Escrevendo este parágrafo, percebi que também construí grandes ofertas no último ano. Gastei muito de mim mesma, buscando construir esta pesquisa.²¹

Mas voltemos ao culto. Todos os pastores se comportam da mesma maneira ao dirigir um culto: a altura de sua voz acompanha seus gestos bruscos no ar, seu olhar é de confiança, um olhar superior por cima de um queixo alto e postura reta no altar. Cabelos sempre bem cortados, relógio no pulso, gravata firme no pescoço e sapatos pretos envernizados. Microfone bem próximo da boca no momento das orações, fazendo engrossar ainda mais o tom da voz. Todos seguem uma personalização única, tamanha unidade em suas performances que já escutei exatamente o mesmo exemplo de sucesso financeiro em um culto na Baixada Fluminense em 2014, no Templo de Del Castilho em 2015 e no Templo da Cidade de Deus em 2017.²² É comum ouvir histórias sobre pessoas que enriqueceram, apresentadas como exemplo a ser seguido, mesmo que essas pessoas não façam parte da Universal. Quanto ao exemplo dado, os pastores costumam dizer algo como,

²¹ Cheguei a pensar em registrar este parágrafo somente na conclusão de minha pesquisa. No entanto, considero importante deixá-lo nesta página, entre estes parágrafos, mesmo que pareça fora de ordem, mas somente como um lembrete (para mim e para quem servir) de que nossos pensamentos não são construídos na ordem pretendida do texto.

²² O testemunho de um homem que inventou óculos de sol para cachorros e se tornou milionário.

“se essa pessoa enriqueceu sem ser da igreja, imagine o tamanho da sua riqueza quando você enriquecer com Deus”. (Trecho caderno de campo).

Após este momento de reflexão, o pastor pede que todos fiquem em pé para o momento de oração pela prosperidade. De olhos fechados e mãos no coração, os fiéis se emocionam cantando e chorando, pedindo a Deus que abençoe seu sacrifício do dízimo, que consigam enriquecer, pagar suas contas, abrir sua própria empresa, conseguir um emprego. Os pedidos são diversos, indo desde aquele fiel que precisa tirar a restrição do nome para voltar a ter crédito no mercado, aos fiéis que deixaram seu emprego estável para começar uma vida de empreendedorismo. Conheci algumas mulheres que discretamente vendem cosméticos por catálogos, no entanto, apesar de ser muito comum este tipo de trabalho entre as camadas pobres da sociedade, este não é um trabalho “visionário” segundo o pastor, pois existem muitas dificuldades para ser único neste ramo. Para ser empresário e fidelizar seus clientes você precisa ser diferente, *“mas como se destacar com um negócio que se encontra vendendo a preço de banana em toda esquina?”* (Fala do pastor no culto na CDD. Agosto De 2017)

Ser dizimista é o primeiro passo para se considerar um membro da igreja, mas isto não é dito claramente pelo pastor. É explicado que, só de ter nascido e estar vivo você já está em dívida com Deus, portanto, nas palavras do pastor durante o culto *“quem é capaz de participar todos os dias no culto e não devolver a parte de Deus por tudo que Ele já fez?”*. Não são dadas satisfações sobre o destino do dinheiro entregue à igreja e as falas do pastor inibem qualquer posição de questionamento da parte dos fiéis. *“Não adianta caminhar com o dízimo interessado em saber o que a igreja faz com o dinheiro. Isso é falta de fé! Se te falta fé, você nunca vai prosperar mesmo dando milhões pra igreja”.* (Pastor CDD, janeiro 2017). Como afirma Edlaine Gomes (2011):

O que está em jogo não é o significado estritamente monetário do dinheiro, pois ele é acionado em uma dimensão ritual e cosmológica que expressa o compromisso individual com Deus. Para o fiel, não importa onde o dinheiro será utilizado – no sentido monetário -, nem se sua finalidade original será modificada para uso próprio de pastores ou bispos. (GOMES, 2011)

Veza ou outra o pastor menciona que custa muito caro levar a mensagem da IURD aos lugares mais distantes e que quando o fiel paga o dízimo, ele deve ter certeza que aquele dinheiro está salvando uma alma em algum lugar do mundo.

Vale analisar que, embora o contexto bíblico fale do dízimo e que este se refere a décima parte, é comum que os pastores ensinem e incentivem os fiéis a pagarem mais do que este valor. Pois se existe uma relação de amor com Deus, esta não deve ser forjada por pura obrigação, logo, colocar mais do que o obrigatório dentro do saquitel²³ no momento do dízimo, seria uma grande demonstração de responsabilidade no contrato firmado com Deus. O dinheiro é tratado pelo pastor como intermediário na relação do fiel com Deus, explicando que, quanto maior a quantidade de dinheiro nesta relação, mais forte ela será.

Figura 14 - Foto do Saquitel, distribuído aos fiéis para pagamento do dízimo.



A explicação dada nos cultos é de que toda a riqueza que existe pertence a Deus, afinal Ele é o senhor de todas as coisas. É comum ouvir diversos testemunhos de pessoas que afirmam ter crescido financeiramente, após terem firmado sua aliança

²³ Abaixo, segue foto do saquitel. Este pequeno saco é pouco maior do que o tamanho de um cartão de crédito, tem suas medidas como de notas de dinheiro dobradas ao meio.

com Deus através do dízimo, no entanto, estas histórias de vida são contadas nos cultos televisionados e apresentadas nos jornais publicados pela IURD. Na Baixada Fluminense ou na Cidade de Deus, analisando minha experiência no campo baseada em conversas e contato com alguns informantes, não conheci pessoalmente alguém que tivesse mudado de vida no modo como é falado nos cultos.

Após as devidas pregações sobre o dízimo, todos formam uma fila e entregam seus valores aos obreiros que esperam em frente ao altar, enquanto o pastor canta um louvor ao som do tecladista. Abaixo coloco alguns trechos de canções tocadas no momento do dízimo:

Quero ser fiel a Ti

Um Deus Fiel e Poderoso
 Ele é o Deus de Israel
 Que prospera o dizimista
 Abrindo as janelas dos céus
 Que derrama as bênçãos sem medida
 E o óleo da unção.
 Roubará o homem a Deus?
 Muitos dizem que não
 Eu quero ser fiel a Ti, devolver o que é Teu
 Consagrar a minha vida,
 tudo que eu tenho é Teu
 Eu quero ser fiel a Ti,
 devolver o que é Teu
 Sou ofertante, dizimista da Casa do meu Deus (...)

Minha Fidelidade

Minha fidelidade é a expressão que mostra
 Que Deus é o primeiro na minha vida
 A minha gratidão, os primeiros frutos
 As primícias ofereço a Ti em Teu altar
 Tudo o que o Senhor me der
 Vou devolver primeiro a Sua parte (...)

2.1 Oferta e doação

O Dízimo mantém a aliança entre Deus e seu povo, enquanto as ofertas²⁴ são para demonstrar gratidão a Deus. Mesmo pagando os 10% e fazendo ofertas, a quantia doada pelo fiel nunca será o suficiente, pois Ihe é pedido tudo. A linguagem é clara “... se você quer trocar seu carro velho, oferte seu carro na igreja que Deus vai te devolver um carro do ano. Se quiser subir de cargo no emprego, ofereça o maior valor de seu salário, que Deus vai te enxergar...” (Templo IURD Taquara –

²⁴ Bíblia – Êxodo, Capítulo 36, versículo 3. Deuteronômio, Capítulo 16, versículo 17. 1 Coríntios, Capítulo 16, versículo 2.

Março/2017). A questão é, se os fiéis pobres realmente dão tudo o que tem, e qual a concepção de “dar tudo” para eles.

É comum ouvir sobre o sacrifício de doar tudo que se tem, de que os fiéis se desapeguem daquilo que na realidade pertence a Deus. O modo como o pastor ensina e fala sobre dinheiro e riqueza, é o mesmo estando em um culto pequeno na Cidade de Deus ou na Catedral da Fé, pois eles seguem a mesma linha de estudo em suas formações. É possível ouvir um pastor pregando em um bairro nobre ou em uma comunidade do RJ, ensinando as mesmas coisas “...você*s precisam buscar uma maneira de conquistar seu carro do ano, sua viagem dos sonhos, não importa qual a sua realidade de vida*” (IURD Cidade de Deus – agosto/2017). E então, ao conversar em particular com os fiéis, percebo que muitos não estão esperando viajar de avião, ou conquistar riquezas materiais somente, mas buscam um modo de conseguir dinheiro (estando empregados ou até mesmo no mercado informal), primeiro para pagar o dízimo e em seguida pagar suas dívidas, gastar com cuidados pessoais, fazer uma compra grande no mercado e assim a escala dos sonhos de aquisição vai aumentando. Tenho analisado e percebido que, a prosperidade é alcançada por etapas. Tanto o fiel que paga o dízimo e consegue abrir sua própria empresa, quanto aquele que oferece dinheiro vez ou outra nos momentos de oferta, podem ser considerados prósperos por eles mesmos através de suas ações diárias. Em lugares como a Cidade de Deus, conceitos aparentemente consolidados como riqueza e prosperidade, se apresentam com múltiplas facetas de significados.

Diferente do dízimo que tem sua centralidade no culto da segunda-feira, o momento da oferta faz parte de todos os cultos, todos os dias na Universal. Trata-se de uma oferta não obrigatória que o fiel deve fazer, buscando demonstrar sua gratidão e sacrifício. Enquanto os obreiros entregam os envelopes vazios, o pastor explica a importância de ofertar tudo que tiver a Deus. É ensinado que a oferta deve ser espontânea, voluntária, de qualquer quantia em dinheiro. No entanto o pastor anuncia os valores que irão primeiro ao altar:

Quem tem 300 reais pra deixar no altar pode vir primeiro receber a bênção. Alguém? Ninguém? Tudo bem. E quem tem 250 reais? Alguém tem essa quantia pra ofertar a Deus? Vou baixar mais 50 reais. Quem pode dar 200 reais? Está vindo uma fiel ofertar, essa vai ficar milionária. Que Deus te abençoe minha filha. E 100 reais, quem pode ofertar? 50 reais? 20 reais ou menos? Deus abençoe nossas ofertas. Estamos nos tornando sócios do dono de todas as coisas. (Fala do Pastor – Culto na Cidade de Deus – RJ em abril/2017)

No último valor pedido pelo pastor, a grande maioria dos presentes se levanta e oferta. Os pedidos do pastor, geralmente começam entre R\$600,00 e R\$300,00. Nunca vi alguém que desse mais de R\$250,00, sendo que as únicas quatro pessoas que presenciei ofertando mais de R\$ 150,00 foram obreiras. Já presenciei fiéis dividindo moedas e outros que dão dinheiro àquele que não tem para ofertar. Tanto nos cultos de Seropédica (que frequentei entre 2012 e 2014), como nos cultos da Cidade de Deus (meu trabalho de campo atual), notei que os pastores não falam sobre os possíveis valores de um dízimo, somente deixam bem estabelecido que os 10% são obrigatórios (e valor mínimo para o dízimo). No entanto, para ofertas e doações voluntárias durante o culto, valores que estão acima de R\$150 reais são motivo de admiração. Ao que me parece, ninguém desperta olhares quando coloca R\$50 ou R\$100 reais. Mas nas poucas ofertas acima de R\$150 reais, é possível notar o entusiasmo de todos os outros que observam e aplaudem este valor doado. Aqueles que caminham até o altar para ofertar estampam largos sorrisos, cantando e louvando com os braços para o alto. Vê-se também os poucos que permanecem em seus lugares, cantando timidamente ou quietos. Num embaraço de satisfação de dever cumprido e constrangimento, alguns fiéis quando retornam aos seus lugares demonstram compaixão através de um toque no ombro ou um abraço àqueles que não se levantaram para as ofertas. Gomes (2011) em sua obra, chama esse momento de leilão e apresenta algumas notas de campo semelhantes as minhas:

Fato curioso é o momento da oferta. Algumas obreiras se colocam à frente do “altar” com sacolas. O bispo pede aos fiéis, que pegaram o envelope, que o levem e deposite nas sacolas. Mas são poucas as pessoas que vão até lá. O bispo parece impaciente e pede para irem mais rápido. Em seguida, propõe a todos um grande propósito, um desafio de fé. Doações de mil, quinhentos, quatrocentos reais. Entre orações e apelos, foi baixando. Trezentos, duzentos, cem reais. Parecia um pouco com um leilão. Cada vez baixava mais. Ninguém levantou nessas quantias. Somente com a proposta de dez a vinte reais, as pessoas começaram a levantar, mesmo assim poucas. Quem aceitasse, receberia um pequeno vaso para colocar o azeite que seria dado ao final do culto. Depois, ofertas de dois a cinco reais levavam o livro *Pecado e arrependimento*, do bispo Macedo. Com um real, levava a *Folha Universal*. (GOMES, 2011)

Em dias de Santa Ceia, o ato de comer o pão e beber o suco de uva que representam o corpo e sangue de Jesus Cristo, é reservado aos fiéis que se consideram dignos de estar em comunhão com Deus e com o céu. Contudo, é comum presenciar fiéis que não pegam o pão e o suco distribuídos pelos obreiros, com a justificativa de não terem ofertado naquele culto. Noto seus rostos visivelmente tristes e envergonhados por dizerem isso ao obreiro. O mesmo já aconteceu quando o pastor convida os ofertantes a subirem no altar para receber a benção, enquanto os demais

permanecem em seus lugares sendo excluídos deste momento. Por ver a chateação nos fiéis que ficam a parte, já tive vontade de ajuda-los a ofertar ou ao menos consolá-los dizendo que não era motivo para se entristecer, mas nunca o fiz. Para eles, isso significa perder a aliança com Deus e foi por este motivo que Breno (como veremos mais adiante) me ofereceu dinheiro.

A passagem bíblica que mais escutei neste momento dos pedidos das ofertas, foram a segunda carta de Paulo aos coríntios:

E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com fartura também ceifará. Cada um contribuía segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. (2 Coríntios, 9. 6-7)

Com este versículo acima, o pastor explica que se o dinheiro pode tornar o homem avarento, Deus requer exatamente nosso dinheiro através dos dízimos e ofertas para proteger os fiéis do perigo da ganância. A falta de pagamento a Deus, contrariamente as bênçãos, gerará maldição na vida do fiel que se enfraquecerá ficando a mercê de espíritos maus. Durante um culto televisionado pela Record, que inclusive está entre os vídeos do canal *Univer Video* (disponível para assinantes), o Bispo Edson Costa fala que se o fiel não está disposto a dar o que tem de melhor, se não quer materializar sua fé como oferta, então é melhor que “*saia fora*”, porque nunca vai conquistar nada. Segundo o pastor, o grande prejuízo do fiel que não conquista nada se estende para toda a igreja, pois se houver apenas uma pessoa que não dá tudo o que tem, todos os que ofertaram também podem ser punidos. Aquele que não se entrega totalmente a crença na Teologia da Prosperidade causa transtorno nos sacrifícios ofertados durante o culto, pois os maus espíritos (espíritos de pobreza) podem se apropriar dos outros fiéis. Como explica Mauss sobre a teoria da dádiva:

As dádivas oferecidas aos homens e aos deuses têm também por fim comprar a paz para uns e outros. Afastam-se assim os maus espíritos, mais geralmente as más influências, mesmo não personalizadas: pois uma maldição de homem permite aos espíritos enciumados penetrar em uma pessoa e matá-la, permite que as influências más ajam, e as faltas contra os homens tornam o culpado fraco em face dos espíritos e das coisas sinistras. (MAUSS, 1974, p.65)

Pouco parecida com a oferta, a doação tem um caráter mais abrangente. O fiel pode doar seu tempo para trabalhar na feira da igreja aos fins de semana, servindo no templo como porteiro, distribuidor do Jornal *Folha Universal*, servindo como obreiro (mas estes são escolhidos pelo pastor e precisam passar por alguns treinamentos e formações), limpando a igreja, participando do grupo de evangelização pelas ruas,

das atividades do movimento de jovens *FJU* (Força Jovem Universal)²⁵⁻²⁶. A doação geralmente gira em torno de um serviço prestado para a igreja que o fiel frequenta diariamente, mas este apoio também pode ser compensado com dinheiro.

se você não tem tempo de doar seus ouvidos a um amigo que precisa de ajuda, se não tem tempo de ajudar a cuidar da sua igreja ou sair na rua evangelizando comigo, mas você tem um dinheiro a mais na sua conta, você pode ofertar também este dinheiro como forma de dedicação às coisas de Deus. (Fala do pastor – Trecho caderno de campo).

Tudo pode ser transformado em dinheiro. O tempo, o amor, o milagre, seja como dízimo, oferta ou doação, o dinheiro tem medida para cada necessidade da vida seja material ou espiritual. Até mesmo o “TUDO” pode ser objetificado. Tudo que se tem deve ser ofertado em dinheiro nos rituais da Fogueira Santa que trato a seguir.

2.2 A fogueira santa

“Fogueira Santa” (FS) é o nome que se dá para o maior ritual de sacrifício feito na IURD, segundo a própria igreja. Nesta época, a passagem bíblica utilizada para abordar os fiéis é sobre o sacrifício de Abraão²⁷, que precisou dar seu único filho a Deus. Os Bispos e pastores usam e falam da importância dos acessórios sagrados que devem ser usados para tomar decisões importantes, como por exemplo, a estola (manto que envolve os ombros e costas)²⁸. Certa vez recebi uma estola e fui aconselhada a usá-la quando fosse consultar a Deus sobre o valor que eu deveria ofertar na FS. Além do dízimo, das ofertas e doações, o fiel também precisa estar atento a dedicação para a FS, pois é o momento de dar “tudo”. Mas, caso o fiel não considere seu “tudo” suficiente para que Deus atenda seu pedido, ele precisa se esforçar para materializar o tamanho do milagre que precisa. Como analisa Lívia Santos:

Exige tempo, dedicação, renúncia, trabalho extra. Exige confiança em Deus e, paralelamente, que se enfrente a desconfiança da família, que acaba por ficar em segundo plano. Exige desapego de bens materiais e até, das contas a pagar. (SANTOS, 2018)

²⁵ Sobre FJU : dissertação de mestrado Monique Leite “Força Jovem Universal: estratégias para a juventude da IURD”.

²⁶ Os jovens da Força Universal na Cidade de Deus integram o movimento de evangelização nas ruas, tem grupos de luta e times de futebol que se reúnem periodicamente. Participam assiduamente do culto Terapia do amor, programam excursões, apresentações de danças e feiras para arrecadar dinheiro para o templo.

²⁷ Bíblia – Gênesis, capítulo 22.

²⁸ Bíblia – 1 Samuel, capítulo 30

A experiência em campo de Santos (2018) na cidade de Maputo em Moçambique, relata muito do que também vi em meus anos de IURD no Rio de Janeiro. Os fiéis se desapegam, gastam, dispõem diversas coisas que tiverem algum valor monetário e entregam no envelope da FS. Em cultos televisionados pela Tv Record e vídeos no site do youtube, facilmente ouvimos diversos depoimentos de pessoas que deram seu “tudo” na Igreja Universal. Sem um real na conta bancária, deve-se vender o que tiver de valor e ofertar este dinheiro na FS. No templo da CDD conheci fiéis que venderam relógio, aliança de casamento e até as panelas que tinham em casa para conseguirem “a quantia equivalente ao seu milagre”, como eles mesmos dizem. Os fiéis são desafiados, mas também podem desafiar Deus a conceder o que sacrificou em algum monte sagrado, como afirma Gomes:

A igreja lança o desafio a todos, comprometendo-se a conduzir o que foi sacrificado para algum monte sagrado localizado na Terra Santa. O sacrificante, por sua vez, apesar de não necessitar realizar a peregrinação com os bispos e pastores, cumpre seu percurso dirigindo-se a uma IURD: ora, jejua, participa das vigílias e correntes preparatórias. Lá, comunga o objetivo da conquista com os que estão na Terra Santa, partilhando seu significado. No sentido cósmico, estão presentes e conectados nesse local sagrado. Ao mesmo tempo, o outro desafiado, Deus, é cobrado e lembrado de suas promessas e obrigações. (GOMES, 2011, p. 114)

Assisti cultos em igrejas diferentes, onde os fiéis foram instruídos a abrirem uma poupança afim de juntarem dinheiro para a FS. Ou se preferissem, podem destinar seu dinheiro do dízimo, da FS, da oferta, do apoio aos meios de comunicação, através do pagamento mensal automático pelo site.

Figura 15 - Foto da estola que recebi na igreja.

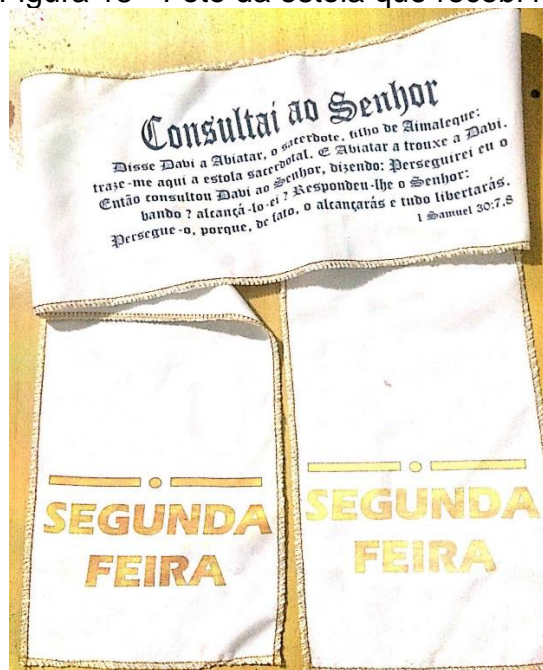


Figura 16 - Página do site para ofertas

Seja um patrocinador da obra de Deus!

» Minha doação será para:

Oferta Voluntária

Valor: Mudar Moeda

R\$ 10 R\$ 30 R\$ 50 R\$ 100

R\$ 500 R\$ 1000 R\$ Outro valor

Doação única Doação mensal

CONTINUAR

Fonte: doacao.universal.org. Acesso em: 11/Jan/2018

Figura 17 – Opções de ofertas

Seja um patrocinador da obra de Deus!

» Minha doação será para:

- Oferta Voluntária
- Oferta Voluntária
- Dízimo
- Voto com Deus
- Fogueira Santa
- Rádio, TV e Pastor Online 24h
- Templo de Salomão
- Outros

SECURE

No culto, em momentos e dias diferentes os fiéis são instruídos a ofertarem por cada uma dessas opções apresentadas acima. Fonte: doacao.universal.org. Acesso em: 11/Jan/2018

Os fiéis da IURD não se preparam para a Fogueira Santa somente através do dinheiro, mas com jejuns, vigílias e orações (Almeida, 2009). Após estes sacrifícios e o recolhimento do dinheiro em envelopes ou comprovantes de pagamento pelo site, “os bispos partem em peregrinação a Israel, conduzindo os pedidos para serem queimados em um “Monte Sagrado”, que geralmente nomeiam as “campanhas” (GOMES, 2011, p. 113), como apresenta a tabela²⁹ abaixo:

Tabela – Temas relacionados a “fogueiras santas”	
Temas das “caravanas”	Monte Sagrado
18/01/1998 Campanha de Elias	FS do Monte Carmelo
01/1999 Campanha “Fé para mudar”	FS do Monte Sinai
31/12/1999 Campanha da Decisão	FS do Monte Sinai
07/2001 Fogueira Santa	FS do Monte Moriá
13/01/2003 Fogueira Santa	FS do Monte Sinai

Como preparação para a Fogueira Santa do Monte Sinai, foi programado um jejum de quarenta dias, iniciado em 21 de novembro de 1999 e concluído no dia da “Fogueira”, 31 de dezembro. Via de regra, na IURD os jejuns são realizados entre meia-noite e meio-dia. Nesse período de preparação, os altares dos templos foram consagrados com “terra trazida do Monte Sinai”. Os que participaram da campanha percorreram o trajeto replicado nos templos, como se subissem o Monte junto com os bispos. Ao mesmo tempo em que os bispos peregrinavam, os membros da IURD estavam reunidos nas igrejas, no evento denominado “Vigília da Decisão”. (GOMES, 2011)

Há alguns meses conheci um taxista que frequenta o templo da IURD Taquara, próximo a CDD. Ao ver que eu estava com o Jornal da Universal em minhas mãos, começou a me contar que aquele carro confortável que eu estava usando, era fruto de um sacrifício da Fogueira Santa. Ele vendeu seu último carro velho e quebrado, colocou todo o valor do dinheiro no envelope da FS e pediu um carro novo para continuar trabalhando. Em menos de dois meses ele já estava com o carro que tanto sonhou em sua garagem, embora tivesse comprado para pagar em 36 parcelas afirmava que “colheu o que plantou” (Fala do taxista - Trecho caderno de campo).

Diariamente os fiéis são lembrados da “oportunidade” de dar um passo grande na fé através das ofertas neste ritual. Há cada seis meses, os fiéis depositam envelopes com seu sacrifício (a quantia em dinheiro que represente seu tudo) e pedidos a Deus no altar de sua igreja. Na FS, não há outro meio de ofertar se não através do dinheiro. Tudo o que o fiel pode fazer para gerar dinheiro, deve ser feito, ainda que lhe custe se dispender do que já conquistou.

²⁹ Tabela I – Alguns temas relacionados a “Fogueiras Santas”, retirada da página 113 do livro A Era das Catedrais de Edlaine Gomes.

3 ESTUDO DE CASOS

Ao todo foram dez meses de contato com meus interlocutores. Tive abertura para boas conversas com cinco fiéis. Com outros foram apenas conversas superficiais e espontâneas que cito em meu texto sem grandes aprofundamentos. Escolhi os casos de Sandra, Paulo e Breno como forma de analisar a movimentação e desenvolvimento da Teologia da Prosperidade na IURD da Cidade de Deus. São três histórias diferentes, eles não se conhecem, no entanto, enxergo nestes casos o encontro de diferentes formas para se redescobrir significados a partir de uma mesma medida: o dinheiro e o que ele produz. Nas histórias a seguir, o dinheiro já garantiu conforto, já comprou drogas ou foi gasto com uma camiseta cara, mas atualmente o dinheiro que vem dessas pessoas também produz bens imateriais. O bem-estar que o dinheiro garante não está ligado somente a termos econômicos, mas também pode ser associado ao bem-estar espiritual, construindo diversas novas compreensões para termos aparentemente já consolidados.

3.1 Sandra

Conheci Sandra na calçada do templo, ambas estávamos chegando atrasadas e ela estava carregando sacos de compras do mercado, um pouco desajeitada e tentando acelerar os passos. Ofereci ajuda e entramos juntas na igreja. Sentei bem próxima e momentos depois troquei de lugar e me sentei ao lado dela. Muito simpática e sorridente, ela logo me agradeceu pela ajuda. No momento da oferta, ela se levantou e foi para o corredor levar seu dinheiro ao altar, fez um rápido gesto sugerindo que eu poderia entrar na sua frente na fila, mas eu acenei negativamente com a cabeça e permaneci sentada. Ao voltar, notei que Sandra misturava pena e carinho em seu olhar e logo imaginei que ela devia estar pensando que eu não tinha dinheiro para a oferta. Trocamos alguns comentários sussurrando durante o culto e começamos nossa primeira longa conversa na porta da igreja enquanto comíamos uma coxinha vendida pelos jovens da FJU ao fim do culto.

Com o passar do tempo, notei que as pessoas que tive o primeiro contato dentro da igreja, mantiveram desde o começo uma boa relação comigo. Se mostraram prestativas, desconfiavam menos de minhas intenções a medida que me viam sempre presente nos cultos. Tive boas demonstrações de solidariedade vindas de pessoas

que se quer já tinham conversado comigo. Logo de início Sandra se mostrou prestativa, ou foi o contrário pois já tinha lhe ajudado com seus pesos de compras. De qualquer modo, aprendi que fazia toda diferença para o bem de minha interação, que eu abordasse o fiel inicialmente dentro da igreja, pois quando tentei fazê-lo no caminho de volta para casa ou no ponto de ônibus, os olhares e respostas eram totalmente diferentes. Estar dentro da igreja, agrega confiança na relação entre as pessoas.

Sandra vem de família humilde, todos moram em Minas Gerais e vivem do trabalho na roça. Aos 18 anos, Sandra teve permissão para morar no RJ com seus padrinhos, sonhando em terminar o ensino médio e pagar sua faculdade com o dinheiro de seu trabalho, contando com o auxílio de seus padrinhos para se manter. Seis meses depois Sandra já tinha terminado o supletivo e conseguiu emprego em um mercadinho do bairro. Foi quando decidiu morar sozinha, pois os padrinhos pediam que ela ajudasse nas despesas de casa e com isso, não sobraria dinheiro para que ela continuasse visitando seus pais. Por indicação de um vizinho, encontrou um lugar para morar na CDD que estava dentro de seu orçamento e segundo ela, “adiou” o sonho da faculdade. Ao se mudar, precisou também de um novo emprego e sem conhecer ninguém, oferecia seus serviços de manicure direto na casa das pessoas. Por algum tempo Sandra viveu bem com suas economias e seu trabalho de manicure, mas começou a namorar um homem que a proibiu de entrar na casa das clientes e com o tempo, também a proibiu de receber suas clientes em casa. Sandra fala desse relacionamento com cuidado nas palavras. Nesta época, os significados de conquista em sua vida eram principalmente: “ter um homem” conhecido na comunidade, promover churrascos para a vizinhança, ter dinheiro para comprar determinada marca de cerveja e estar sempre com as unhas muito bem pintadas. Tudo isso lhe conferia um status importante entre as pessoas de seu convívio. Vê-se os arrependimentos dela e a mágoa de seu ex-namorado, mas sua fala justifica toda perda que aquele relacionamento lhe ocasionou pela falta de sabedoria no uso de seu dinheiro. Ela explica que, o dinheiro que queria mandar para os pais começou a ser gasto com roupas e festas, o dinheiro que pagaria sua faculdade era gasto com o diabo nas oferendas e sua beleza e juventude foi gasta com aquele homem. Sandra afirma ter passado fome e grandes necessidades por algum tempo, mas conseguiu morar mais de um ano sem pagar o aluguel, pois o dono do imóvel faleceu e ela ganhou tempo até que alguém da família aparecesse reivindicando o dinheiro. *“Eu precisava ficar sem nada, para aprender a gastar meu dinheiro. Deus me tirou tudo,*

para que eu aprendesse a pagar a parte dele” (trecho caderno de campo – fevereiro/2017).

Hoje Sandra tem 34 anos, trabalha como atendente da central de informações de um hospital próximo a Cidade de Deus. Começou a frequentar a IURD aos 22 anos após uma conversa com uma obreira que visitou sua casa e lhe garantiu que ela tinha algum espírito diabólico em sua vida.

Eu era pobre, desempregada, tinha pesadelos e morava de aluguel. A obreira disse que notou uma presença estranha em frente a minha casa e pediu pra entrar e orar pela minha família. Na época, eu tinha problemas com um homem perigoso e tinha mandado “fazer um trabalho” pra que ele me deixasse em paz, então achei que qualquer oração era bem vinda. Depois da oração a gente conversou bastante e ela me convenceu de visitar o templo da Igreja Universal. No começo eu achava falta de respeito o jeito que o pastor falava da crença de minha família, porque eu nunca fui seguidora de nada, mas ninguém gosta de ouvir falar daquilo que sua mãe gosta. Com o tempo me acostumei e comecei a fazer amizades. O problema que eu tinha parou de me atormentar e eu pedia pra Deus me dar um emprego. Daí uma vez o pastor me disse que viu um espírito escuro saindo de mim e que eu precisava fazer minha aliança com Deus pro espírito não voltar.

Desde sua primeira visita a IURD, Sandra afirma que faltou poucas vezes no culto da segunda-feira. Imediatamente voltou a trabalhar como manicure, separando parte de seu dinheiro para a comida e todo o resto para o dízimo e as ofertas. Se antes suas contas atrasadas lhe tiravam o sono, depois de frequentar os cultos Sandra me disse não ter se importado com nada além do dinheiro que precisava “gastar” na igreja. *“Eu não dava esse dinheiro com pesar, eu dava com gosto e mesmo ficando sem nada eu tava feliz. No dia seguinte levantava de novo pra trabalhar e ganhar mais”*. Passados alguns meses, Sandra recebeu o retorno de uma entrevista de emprego que havia feito no hospital lhe comunicando que a vaga para auxiliar de limpeza seria dela. Após 4 anos neste cargo, ela conseguiu sua transferência para o setor de comunicação e passou à função atual de atendente. Sandra está na IURD há 12 anos e afirma que nunca mais deixou de pagar o dízimo e fazer ofertas semanalmente. Quando lhe perguntei o que ela havia conquistado desde então:

O principal que conquistei foi meu emprego e minha paz. Hoje eu sei que sou importante pra Deus porque dou tudo da minha vida no altar, porque há muitos anos Ele me deu um emprego. Quando pego meu salário, deixo separado tudo que vou gastar, até o que vou gastar na igreja. Você sabe não é? Se não a gente acaba dando dinheiro em outra coisa. Não preciso ser exibida e ficar ganhando coisas, só preciso devolver a Deus o que prometi. (Sandra – Dezembro/2016)

Em doze anos, Sandra continua morando de aluguel na mesma casa, não tem carro e atualmente está com restrição de crédito em seu nome por conta de um sofá que segundo ela, não deu conta de pagar todas as prestações. Atualmente, visita seus pais há cada dois meses e mantém seus gastos com remédios. Quando ela me disse que precisava devolver para Deus o que prometeu, lhe questionei se Deus estava devolvendo o que o pastor prometia. Ela sorriu, me disse que estava feliz e isso já era o melhor que ela poderia ter.

Para Sandra, sua prosperidade já chegou. Ter um emprego, ajudar seus pais e conseguir pagar o dízimo, é o suficiente para considerar seu crescimento. Sandra não tem o costume de sair com amigos, mas me mostrou que sair para ir a igreja já é uma forma de “sair com os amigos”, pois as conversas antes e depois do culto, as canções cantadas em comunidade e os olhares de afeto entre os fiéis, são para ela uma demonstração do amor de Deus. Ela afirma que não pode dar tudo que tem em dinheiro para a igreja, pois esses ensinamentos são para os fiéis que ganham dinheiro todos os dias. No seu caso, justifica, ela só recebe o salário uma vez ao mês, e entregá-lo todo para a igreja lhe tiraria a prosperidade que ela já conquistou: o conforto de comer uma pizza no fim de semana, o luxo de comprar seus esmaltes preferidos ou almoçar no restaurante de vez em quando, ao invés de levar marmita todos os dias. O significado de “prosperidade” e do “tudo” para Sandra, atravessam muito mais as questões que lhe dão “estabilidade” no orçamento mensal, do que atitudes relacionadas ao “empreendedorismo” e “enriquecimento” como é comum afirmarem sobre o comportamento dos fiéis da IURD.

Todas essas informações, Sandra me falou em nossa primeira conversa. Nas semanas que se seguiram nos cumprimentávamos amigavelmente, até que um dia eu perguntei se poderia conhecer sua casa. Marcamos dois encontros sem sucesso, mas no terceiro passamos uma tarde juntas tomando café e conversando sobre muitos assuntos. Ela me contou sobre como a Igreja lhe fez enxergar seus erros de outra maneira, entender que ela estava cega e por isso não conseguia mudar de caminho, que a culpa não era dela, mas que somente ela podia dar o primeiro passo para sair daquelas dificuldades. Somente a aliança com Deus, feita através de um sacrifício terreno (a oferta em dinheiro) poderia romper com o mal que ela já tinha vivido. Sandra costumava falar muito da fé racional, ensinada pelos pastores. Em seus vídeos do canal *Univer*, Edir Macedo aponta que não podemos romantizar a vida. Se a situação está difícil é porque nós mesmos estamos querendo viver dificuldades. Que somos os

únicos responsáveis pelo que acontece em nossa vida ao permitir que espíritos maus fiquem conosco. A partir do momento que nos tornamos pessoas fracas, o espírito de pobreza toma conta de tudo que era nosso. A fé racional será responsável por nos fazer compreender que não adianta ficar com orações programadas repletas de emoção que só tem validade no mundo espiritual, é necessário se sacrificar com atitudes que mostrem sacrifícios palpáveis. Como aponta Gomes:

A fé com emoção é uma deturpação. A vida tem emoção [...] mas a fé não tem emoção. A fé é uma crença. É acreditar naquilo que não se vê. [...] Sem emoção, o pensamento humano e as decisões são claras e verdadeiras. Hoje nós temos uma proliferação imensa de seitas, religiões, de igrejas que são muito disso. Ou seja, a confusão da emoção com a fé. A fé, segundo a Bíblia, é a certeza das coisas que não se vê. Por analogia, podemos dizer, das coisas que não se ouvem, não se sentem, não se tocam. Portanto ela precisa ser completamente fora da emoção. (CRIVELLA, 2003, apud GOMES, 2011, p. 119)

A razão só compreende aquilo que é visto e não as falas esquecidas no tempo ou promessas. São estes ensinamentos, assim como o de Marcelo Crivella citado acima, que os pastores da Cidade de Deus também pregam. Sandra acredita que é possível crer usando a razão para guiar todos as decisões, sem qualquer tipo de emoção. Mas o princípio da razão cristã, segundo a IURD, se dá no entendimento sobre a aliança com Deus através do dízimo. Aqui, noto também a complexidade do sentido da palavra razão que está sendo atribuído pela Igreja Universal.

A casa de Sandra tem 3 cômodos: sala, cozinha e quarto. A sala tem um sofá-cama de 2 lugares muito confortável, uma mesinha de centro com um vaso de flores artificiais, toalhinhas de crochê espalhadas pela casa. A Tv Smart de aproximadamente 32 polegadas está suspensa na parede, ao lado da cortina de plástico com desenhos de flores coloridas. Na pequena cozinha, um fogão de 4 bocas, um aparador com duas banquetas, uma fruteira com frutas artificiais, uma geladeira antiga e um rádio em cima do galão de água em cima da pia. Não conheci o quarto de Sandra, mas da sala eu conseguia enxergar uma colcha de veludo rosa em sua cama de solteiro. A casa de Sandra é impecável na limpeza e no perfume. Muito cuidadosa com seus tapetes pintados, tudo muito colorido e detalhes pendurados ou expostos em artesanato pela casa. A rua de sua casa estava cheia de lixo no dia em que fui visitá-la, cheirava mal e em um bar próximo alguns homens gritavam palavrões assistindo um jogo de futebol. Sandra se desculpou pela rua “desagradável” a seus olhos, mas antes que abrisse a porta me garantiu que sua casa seria agradável.

Realmente foi, repetimos essa tarde de café mais 3 vezes, mas como nossos horários divergiam, a maioria de nossos encontros continuou sendo no culto.

3.2 Paulo e Silvia (e Dona Cida)

Conheci a família de Paulo nos últimos meses de minha pesquisa. Já notava a presença dele e de sua esposa nos cultos frequentemente, então um dia decidi puxar algum assunto sobre o culto e tentar avançar com uma conversa. Fui atrás de Silvia na fila do banheiro e depois de alguns minutos pensando o que falar, disse que eu era nova naquela igreja mas que achava interessante ver como as pessoas tinham disposição para mudar de vida. Sei que foi bobo o que eu disse e talvez não surtisse efeito, mas se não desse certo eu já estava programando outro comentário. Felizmente, Silvia me disse que ela e seu marido já tinham ido ao altar testemunhar sobre a mudança que tiveram em suas vidas. Falei então, do meu interesse em ouvir essa história e perguntei se ela poderia me contar depois de usarmos o banheiro. Ela disse que estava com pressa e me procuraria outro dia para conversarmos. Pensei em pedir algum número de telefone, mas julguei ser chato e invasivo visto que eu poderia esperar para reencontrá-la na próxima semana. Agradei a disponibilidade e quando fui embora acenei dizendo *“Até semana que vem, Silvia”* e ela acenou de volta.

Uma semana depois, notei quando Silvia e Paulo entraram na igreja, mas o culto já ia começar então permaneci em meu lugar. Me distraí observando a saída das pessoas e não me lembrei de ir atrás deles ao fim da reunião, teria que esperar mais uma semana. Para não desanimar meu entusiasmo, tentei algumas conversas com três pessoas ao fim deste dia, mas não consegui nada que me desse abertura para prosseguir com o contato. Na semana seguinte, enquanto eu estava sentada nos primeiros bancos senti uma mão em meu ombro, era Silvia vindo me cumprimentar. Disse que tinha me visto no culto anterior mas saiu com pressa e por isso não veio falar comigo. Perguntei se poderia sentar ao lado de sua família, ela aceitou e ficamos de conversar ao fim do culto. Comecei nossa conversa explicando minhas intenções e intuits e perguntei se eles se importariam em compartilhar algumas experiências comigo, se talvez poderíamos nos ver em outro lugar fora da igreja. Paulo e Silvia preservaram meu contato com sua filha Karen, notei em uma de minhas visitas em sua casa, que eles pediam que a filha fosse para a casa de Dona Cida ou

permanecesse no quarto. Fui à casa deles três vezes e não permaneci lá por mais de uma hora. A cada dia eles me contavam um pouco mais de sua vida, mas as visitas foram breves pois eu sentia quando chegava o momento de ir embora, o assunto ia acabando, eles se entreolhavam várias vezes. De inúmeras mudanças e benefícios que Paulo aponta como trazido pelo dízimo na Universal, selecionei alguns pontos para traçar sua história.

Paulo tem 37 anos e é membro da IURD desde fevereiro de 2009. Casado com Silvia, o casal tem uma filha de 6 anos. Paulo e Silvia eram proprietários e administravam um açougue em Duque de Caxias, que lhes rendeu um carro e um pequeno caminhão de transporte. Em Duque de Caxias moravam nos fundos da casa da mãe de Silvia, portanto não tinham contas com aluguel. Depois de um longo período farto, de conquistas e gastos provenientes do açougue, os negócios foram perdendo o controle e sua única fonte de renda precisou fechar as portas. Depois de alguns meses, em novembro de 2008, um amigo que mora na Cidade de Deus lhe ofereceu emprego como segurança de um mercado no bairro da Taquara em Jacarepaguá. Paulo não tinha intenção de morar na Cidade de Deus, mas sem condições de pagar aluguel se hospedaram por cerca de 40 dias com o amigo em uma kitnet e logo conheceram sua atual vizinha que lhes ofereceu uma pequena casa por apenas R\$400/mês. O valor de um aluguel na Taquara seria o dobro deste valor, então decidiram recomeçar por alí mesmo.

Paulo ficou emocionado ao lembrar do ano de 2008, segundo ele, foi o ano em que Deus o provou de todas as maneiras.

Naquele ano eu perdi meu açougue, minha esposa trancou a faculdade e adiamos nosso sonho de ter um filho. Me mudei com “uma mão na frente e outra atrás” e não via saída senão recomeçasse do zero. Terminamos o ano de 2008 cheios de dívidas, discutindo o tempo todo e sem nenhuma fé que nosso futuro ia ter coisa boa. Nosso casamento estava em crise, não imaginei que chegaríamos até os dias de hoje (Paulo, dezembro/2017)

No início de 2009, durante o expediente de seu trabalho como segurança, Paulo assistiu alguns trechos do Culto da Prosperidade pela televisão e se interessou pelas chamadas sobre “crise, dívidas, contas”. Mais tarde em casa comentou com sua mulher e sugeriu que ela procurasse se informar sobre os horários das reuniões para

que eles participassem. Na semana seguinte, lá estavam os dois atentos ao que o pastor explicava sobre prosperidade e riquezas. Silvia afirma que num primeiro momento se sentiu desconfortável com os pedidos de doações em valores altos, pedidos pelo pastor. Segundo ela, na época que chama como “farta” em sua vida, todo mês ia ao shopping e cinema fazer compras com seu cartão de R\$3.000,00 no limite. Os carrinhos do supermercado estavam sempre cheios e eles se recusavam a emprestar dinheiro aos parentes, quem dirá dar dinheiro para uma igreja. Quando se mudou de Duque de Caxias, seu principal propósito era limpar seu nome quitando suas dívidas. Em seguida, pretendia voltar ao curso de Técnica em enfermagem e conseguir um estágio. Paulo e Silvia não imaginavam como poderiam tirar dinheiro da compra no mercado para ofertar na IURD, mas em menos de três meses frequentando o templo, os dois assumiram o compromisso de pagar o dízimo e participarem do Culto da Prosperidade as segundas-feiras e da Terapia do amor.

Silvia me afirmou que, em menos de dois anos ela conseguiu emprego como secretária de uma clínica dentária na Cidade de Deus, resolveu seus problemas no relacionamento com Paulo e engravidou no ano de 2010. Após dois anos e meio como segurança, Paulo conseguiu uma vaga administrativa no mercado, controlando estoque de frios e açougue, o que de certa forma lhe permitia trabalhar com aquilo que ele gostava e tinha perdido anos atrás. Silvia e Paulo pagam o dízimo da seguinte maneira: a mesma quantia que gastam no mercado para abastecer o armário, ofertam na igreja mensalmente. Afinal, *“todo nosso dinheiro pertence a Deus, porque Ele é dono de tudo, de toda riqueza. Queremos ter o mesmo gasto do alimento do corpo com o alimento da alma”* (Silvia, dezembro/2017).

Atualmente, Silvia e Paulo deixam sua filha na casa de uma obreira da igreja que não cobra nada para cuidar da criança, alegando que os ama como filhos. Dona Cida, de 66 anos conheceu o casal na igreja, em um dia de testemunhos quando Paulo contou a todos sobre sua vida, se aproximou e fortaleceram cada vez mais sua relação. Silvia me contou que Dona Cida sofria de depressão pois não gosta de ficar sozinha em casa, então a pequena criança foi como uma benção para lhe fazer companhia. Quando Silvia vai ao mercado ou a lotérica, sempre se oferece para cuidar também dos assuntos de Dona Cida. Karen com 6 anos de idade, é tímida e meiga, mas se comporta de maneira carinhosa com sua cuidadora.

O contato com Paulo me levou até a casa de Dona Cida. Todo o tempo ela se mostra muito grata, pois diz sofrer muito com a distância dos filhos que moram em

outro estado. Se vê amparada por Silvia em diversos momentos e acolhe com carinho a presença de Karen. Para Cida, estes três são também sua família, um presente que os cultos da IURD lhe deram. Como aponta Almeida (2009), este circuito de trocas que envolve dinheiro, comida, recomendações e todo tipo de ajuda, geram laços de plena confiança fazendo com que os fiéis se tratem como em uma relação de pais, mães e irmãos.

Silvia não tem mais restrições em seu nome pois conseguiu quitar suas dívidas, no entanto, o casal afirma estar se esforçando para manter a promessa com Deus através do dízimo até conseguir um acordo e parcelar as antigas contas do açougue que estão no nome de Paulo.

O caso de Paulo serve como exemplo de história que têm possibilitado o desenvolvimento desta pesquisa. Alguns contatos se abriram mais rápido à conversa, outros levaram mais tempo... no entanto, vale lembrar que acompanhar estas pessoas em tarefas diárias, construir teias que me abram espaço como alguém “confiável” para que eles possam falar de suas vidas e permitir que eu observe suas ações, é um trabalho que não depende só de mim, mas também depende das situações que o campo me abre, das pessoas com quem faço contato e principalmente, dos acontecimentos vividos que elas estão dispostas a me contar. Gostaria de ter tido mais tempo para conhecer melhor o dia a dia desta família, mas creio que este breve contato seja compreensível para esta pesquisa.

3.3 Breno

Certa vez cheguei atrasada ao culto e me sentei na última fileira de cadeiras do templo. Numa sequência de assentos, só estávamos eu e um rapaz chamado Breno no fundo da igreja. Eu provavelmente nunca tinha o visto pois costumo ficar entre as cadeiras do meio do templo para frente e como ele me contou depois, sempre é um dos últimos a chegar no culto e um dos primeiros a sair. Chega atrasado pois vende as coisas na rua o maior tempo possível e sai ligeiro do culto para que sua mãe não fique preocupada.

Não conversamos até o momento das ofertas. Breno se levantou para levar seu envelope ao altar quando o pastor pedia o valor de R\$50,00. Retornou ao seu lugar e notou que eu não ofertei nenhum valor, então veio me perguntar com um largo sorriso se eu gostaria de ofertar o valor mínimo, e me mostrou uma nota de R\$ 5,00 sugerindo

que eu a pegasse. Agradei pela preocupação, recusei o dinheiro e perguntei se poderíamos conversar em outro momento. Passado este dia, mantive contato com Breno e nos falamos várias vezes sempre depois que o culto acabava. Não visitei sua casa, mas foi com Breno que mantive maior contato. Tomamos sorvete juntos na pracinha, comemos os salgados vendidos pela FJU e já o ajudei a aprender algumas funções de seu aparelho celular. Sempre que eu convidava Breno, já dizia que pagaria alguma coisa para ele antes ou depois do culto. Petiscávamos alguma coisa rápida. Ele me conta de seu dia corrido para cuidar da mãe e conseguir alguns trocados e eu tentava proporcionar alguma comida ou bebida gostosa para nós. Não que ele já tivesse me dito que tinha fome ou sede, muito pelo contrário. Breno nunca reclamou de nada, não se vê como vítima mas aponta para sua responsabilidade em traçar seu destino sozinho. O jovem de 26 anos, me contava motivado sobre como conseguia manter suas ofertas na igreja mesmo estando desempregado. Vendendo sorvetes na praia, ajudando na barraca de churrasquinho do amigo, afirmou nunca ficar totalmente sem dinheiro no bolso, deixando sempre guardado o dinheiro para ofertar ao fim do dia no culto da Universal.

Num dia de movimento bom, quando vendo bastante, consigo comer alguma coisa na rua e guardar o dinheiro do culto. Quando não trabalho bem, deixo pra comer em casa mais tarde, mas não deixo de colocar meu dinheiro na igreja. Tenho esperado a chance de um emprego faz um ano e meio e até agora nada, por isso não assumo o valor certo do dízimo. A oferta eu dou sempre que tenho dinheiro, mas não tenho como garantir pra Deus que vou acertar o dízimo se nem sempre tenho o valor certo. Minha mãe fala que eu não devia colocar o que ganho na igreja, mas sei que minha situação ainda não mudou porque preciso conseguir um emprego e pagar o dízimo também. Só a oferta não adianta. Aí sim eu acho que as coisas vão melhorar." (Breno – fevereiro/2017)

Breno mora com a mãe Wilma, em uma casa própria na Cidade de Deus. Wilma é católica, aposentada e nunca acompanhou o filho no culto, mas segundo o jovem, sua mãe se orgulha por saber que ele “leva a igreja a sério”, mesmo discordando em ver o filho deixar de comprar coisas para ele ou para a casa, dando maior parte do seu dinheiro à igreja.

Breno começou a frequentar a Universal depois de ver a mudança de vida que um grande amigo teve ao deixar as drogas, conseguir um emprego e uma namorada, firmando seu compromisso no dízimo. Ele afirma que, “*se não deixar seu dinheiro pra Deus, vai deixar pro diabo na boca*³⁰”. Breno não demonstrou perspectiva de um

³⁰ Ponto onde são vendidas as drogas.

crescimento financeiro, mesmo que esteja dando quase que diariamente, seu dinheiro à igreja. Ao contrário, o jovem reconhece que o valor deixado por ele, não é o suficiente para receber o retorno e riqueza prometido por Deus, mas mesmo assim, o envelope da igreja é uma via certa para seu dinheiro. Desde que chegou na IURD pensa em ser pastor, mas não fala desse sonho para os outros fiéis, pois afirma não ser digno de cumprir com tal missão. Se alguém lhe empresta a chuteira, Breno aceita jogar em algum time da FJU, mas ele admite não gostar de pegar nada emprestado. Enquanto conversávamos, outros jovens já o chamaram para participar dos momentos de oração, mas o próprio Breno se afasta da “graça” de estar em comunhão. Breno é muito consciente e se faz responsável por cada ação sua. Confesso que criei admiração pelo modo de pensar deste garoto tão jovem e independente. A falta de seu pagamento do dízimo lhe traz a impossibilidade de participar da aliança com Deus, e por conseguinte, da comunhão com a igreja, por este motivo Breno cuida de manter certa distancia do que a igreja pode lhe proporcionar pois se sente indigno. Isto não quer dizer que ele não se sinta amado por Deus. Breno sabe que Deus lhe ama e está providenciando uma grande mudança em sua vida, que cedo ou tarde chegará. Mas sua fé racional, como ele mesmo explica, lhe dá a consciência do que ele pode desfrutar da igreja, de acordo com os valores que ele oferta.

Neste caminho de perseverança, pesos diferentes são criados para bênçãos que podem ser materializadas e benefícios podem ser desfrutados na mesma medida com que se oferta. É comum cercar os temas relacionados ao dinheiro com termos econômicos sobre individualismo, utilitarismo, investimento. Mas quando o dinheiro faz parte de um sistema como na Teologia da Prosperidade, em que não se multiplica na mesma espécie e não retorna em valores excedentes, surge a impressão de que algo não deu certo, de que algo está errado.

Para tratar das descobertas deste campo, analisemos essa regulamentação da balança da fé, que mede e converte benção, milagre, sofrimento, renúncia e tantas outras coisas, tendo o dinheiro como mesma medida para todos eles.

4 DA TEORIA

Neste último capítulo pretendo analisar as principais questões levantadas e percebidas, partindo de concepções de autores que trabalharam com os temas da dádiva, da troca, do dispêndio e também os que relacionaram estes temas com a IURD. Os casos analisados em campo e qualquer contato por menor que fosse com os fiéis da Igreja Universal, me proporcionaram diversos caminhos de aprofundamento nesta pesquisa. Trabalharei três pontos principais, são eles: 1 – os diferentes significados das palavras “prosperidade” e “riqueza”. 2 - o “tudo” na vida dos fiéis. 3 – O jogo da IURD: entre sorte e azar, como os fiéis permanecem gastando e acumulando.

No início desta pesquisa, mantive por algum tempo a pretensão de falar sobre o pobre na IURD. Um grande número de trabalhos sobre a IURD utiliza a categoria pobreza. Embora essa categoria possa ser utilizada segundo certos parâmetros sociológicos ela pode dificultar a nossa compreensão sobre a conduta dos fiéis. Felizmente notei que não havia como se falar da pobreza relacionada a fiéis que não se consideram pobres. O que eu teria para argumentar sobre o pobre que frequenta a IURD? Nada. Simplesmente porque não ouvi nenhum fiel da IURD dizendo que é pobre. Logo, não sou eu quem colocará palavras na boca dos meus interlocutores. Seguiremos pensando nas propostas deste capítulo.

4.1 O Dinheiro, a Riqueza e o Tudo.

As principais obras³¹ de Simmel sobre o dinheiro nos direcionam para diversas análises, no entanto, partindo do trabalho de campo apresentado neste texto, podemos nos aproximar e nos afastar em diversos pontos da teoria deste autor. Para Símmel, o dinheiro é o “Deus da época moderna”, pois é o elemento de equivalência para tudo e todos. A impessoalidade causada pela predominância do dinheiro sobre a sociedade, chegaria a criar tamanha tendência igualitária capaz de eliminar barreiras do sexismo, do racismo e romper rigidez de laços na sociedade.

Ou seja, o dinheiro possibilitaria a mobilidade social a todos os seres humanos, algo impossível para determinadas pessoas nas sociedades pré-modernas. Assim, o dinheiro permitiria e provocaria o desenraizamento

³¹ The Philosophy of Money (1949) e O dinheiro na sociedade moderna (1998)

sociocultural, diminuindo distancias sociais secularmente estabelecidas entre os seres humanos. Portanto, numa economia monetária consolidada, o dinheiro seria o ponto de ruptura entre a tradição e a modernidade. (SANTOS, 2001, p. 149-50)

Símmel explica que a economia monetária mantida na modernidade, cria a necessidade de operações matemáticas contínuas na vida cotidiana dos indivíduos. Este sistema rege as situações de nossa vida, preenchendo as relações de pessoas que passam a organizar suas ações a partir de determinações estabelecidas, pesos, cálculos e reduções dos valores qualitativos para quantitativos. O dinheiro, neste contexto, despersonaliza as relações sociais, sobrepõe valores (qualidades/especificidades) por quantidade e coisifica as relações sociais. Qualquer coisa mensurável, palpável, poderá ser convertida em moeda. (SIMMEL, 1949)

Contudo, analiso que não somente as coisas físicas podem ser convertidas em dinheiro, mas também valores abstratos como a fé, a moral, a amizade, sem que se reduzam ao dinheiro, como explica Santos:

O totalitarismo economico de Símmel, aquele que subsume o mundo num único conceito total, o dinheiro, surge justamente pelo fato de se acreditar que esse meio de troca produz sentido e não os indivíduos. Simmel parece esquecer que são os sentidos produzidos pelos indivíduos, por meio do dinheiro, que interferem na vida desses indivíduos, dando a impressão de que são as coisas (o instrumento dinheiro) que comandam os indivíduos. Além disso, Símmel transforma a tendência das sociedades modernas à racionalização, em um totalitarismo econômico, onde tudo passa a ser unificado, homogeneizado e uniformizado pela onipotência do dinheiro. Assim, nos parece que a tese do “deus-dinheiro” tem uma tendência de negar o próprio conceito de sociedade de Símmel, visto que essa tese subordina e, em certo sentido, elimina o indivíduo, a despeito de ele ser a condição sine qua non para a existência da interação social, ou sociação, como o próprio Símmel nos ensina. (SANTOS, 2001)

Vamos lembrar que a lurd monetariza o que o fiel tem para dar nas ofertas. Logo, se preciso de um grande milagre, preciso ter uma fé do tamanho equivalente a dificuldade de conseguir o que quero. Minha fé precisa ser colocada no altar, em forma de dinheiro, convertida no maior valor possível considerando a medida da minha fé. Suponho que o maior valor que consigo ofertar demonstrando a minha fé seja R\$100,00. Este valor em dinheiro não representa a minha fé, mas carrega consigo toda a minha fé. É tudo o que tenho dado no altar. O dinheiro ofertado em espécie é a minha própria fé, agora convertida em valor quantitativo. O que importa notar nesta relação é que o fim último do dinheiro na sociedade não confere somente caráter quantitativo, mas quando o dinheiro é convertido medindo o valor de coisas e

subjetividades, é gerada a possibilidade de pessoalidade, de entrelaçar relações e de valores qualitativos.

Ao entregar toda a minha fé e não receber o milagre pedido, é entendido que minha conversão em dinheiro não foi equivalente ao que eu precisava receber. Logo, continuarei frequentando os cultos para “acumular” mais fé e novamente poder ofertar afim de ser retribuído com o milagre que espero.

Aquele que possui algum bem material poderá ofertar de maneira mais rápida, vendendo-o e entregando o dinheiro na igreja. Mas, aos menos favorecidos, só lhe restam os bens abstratos e, se já foi entregue tudo no altar uma vez, tardarão um pouco mais para acumular novamente, a quantia de fé e dignidade necessárias.

O fato é que, tendo ou não recebido o que esperava com seus pagamentos de dízimo e ofertas, a relação com o dinheiro neste meio religioso da Igreja Universal aponta para um olhar diferente do que Símmel atribuiu à sociedade moderna. Relações de confiança, amizades e proximidade acontecem em meio a toda esta quantificação de dinheiro na IURD. Sendo assim, reafirmo³² e complemento as direções dos estudos de Simmel com a afirmação de que o dinheiro não somente individualiza, divide e impessoaliza, mas também cria relações pessoais, de caráter qualitativo, produzindo sociabilidade e estreitando laços. Pude pensar melhor esta possibilidade a partir do texto “*Os deuses vendem quando dão*” de José Baptista (2007, p. 10):

A perspectiva que sugiro, no entanto, difere desta visão corrente sobre o dinheiro. O meu propósito é pensar no seu caráter sociologicamente produtivo, na capacidade dos agentes de multiplicarem os seus sentidos, produzindo moedas, criando novos valores, utilizando-o como meio de troca e, as vezes, até como objeto de uso sagrado. Ao perceber que o dinheiro não é um elemento voltado exclusivamente para a quantificação, ou ainda, que a própria quantificação pode possuir sentidos diferenciados para os atores, é possível vislumbrar que o dinheiro não é apenas algo que “esfria e objetifica as relações”, “quebra laços de sociabilidade” ou “produz distância entre as pessoas”. Mais do que isso, na minha perspectiva, ele aparece como uma janela por onde é possível observar as relações entre as pessoas.

Como é possível observar nos exemplos de casos que abordo neste texto, tanto Breno, como Paulo, Dona Cida, Silvia ou Sandra, são exemplos da possibilidade de estreitamento entre relações na sociedade. Breno se aproxima de mim, como gesto solidário para me integrar a comunhão dos que ofertam dinheiro. Paulo e Silvia mereceram a confiança de Dona Cida quando testemunharam sobre sua mudança de

³² Ver Baptista, 2007.

vida atribuída ao pagamento do dízimo. Karen só fica sob os cuidados de Dona Cida, pois seus pais valorizam o título de obreira desta senhora. Sandra construiu sua rede de amigos na própria igreja, logo após ter se tornado dizimista e quando precisa de um dinheiro extra, trabalha como manicure cuidando das unhas de outras mulheres da IURD. Todas essas relações foram construídas tendo o dinheiro, em algum momento, como medida de valor. No entanto, o dinheiro não coisificou essas relações, ao contrário, tornou possível o surgimento de afeto e maior aproximação entre os fiéis desta mesma comunidade. Como analisa Ronaldo de Almeida:

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando o aumento da autoestima e o impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Em contextos de carência, elas operam, por vezes, como circuito de trocas, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros. Não se trata de programas filantrópicos, como fazem católicos e kardecistas, mas de reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (entre os quais, os próprios pastores), simbolizada no princípio bíblico de ajudar primeiro os “irmãos de fé” (frequentadores do mesmo templo). (ALMEIDA, 2009, p. 45)

O sacrifício do fiel será sempre quantificado e convertido em dinheiro, mas essa objetivação do dinheiro não nos confere o juízo sobre uma medida única de valor das coisas. Afinal, a característica do dinheiro não é inerte, mas é dada pelo indivíduo, que produz e interpreta medidas diferentes coerentes ao tempo e realidades diversas. Deste modo, 100 reais pode comprar uma cesta básica, assim como pode garantir a cura de uma pneumonia, pode ter a equivalência de um emprego, pode ser o “tudo” que foi possível economizar para entregar na fogueira santa ou ser um dízimo que materializa a aliança do fiel com Deus. Uma nota de R\$ 100,00 pode ser muito, pouco, ou nada, pode se tornar qualquer coisa, depende do quê você quer fazer e do lugar onde está. Contrário ao que Símmel afirmou, analiso que não é o dinheiro que caracteriza o indivíduo da sociedade moderna, mas sim os (diversos) valores que os indivíduos podem atribuir ao dinheiro. Não é uma mesma quantia em dinheiro que põe em igualdade pessoas diferentes na sociedade, mas sim o que se faz com esse dinheiro. Por mais que se “invista” dinheiro na IURD, no cassino por mais que se gaste dinheiro, ou por mais que um traficante tenha milhões, estes não serão vistos pela quantificação de sua moeda, mas sim pela qualidade do que fazem com o dinheiro. Por mais que um empresário invista dinheiro em sua empresa e não tenha o retorno necessário, provavelmente será visto como alguém que está lutando para construir, gerar, produzir. Enquanto se perceber aquele que converte seu dinheiro tendo como

medida algo subjetivo, abstrato e invisível aos olhos do pesquisador como alguém enganado, mesmo que esta pessoa afirme saber o que está fazendo, se estará retirando dele o mínimo de competência social. Neste contexto, é tirada a capacidade de pensar e agir do indivíduo. As pretensões e medidas dadas ao dinheiro, são relativas ao meio social e época em que o fiel vive. Não o individualiza, mas o gera na sua comunidade. Assim como percebemos que palavras iguais podem ter significados diferentes, o dinheiro também pode ser medido de maneiras diferentes a partir do contexto social e do momento vivido por quem está estabelecendo medidas e valores. Este processo cria laços os que fazem parte da IURD e concebe-os como comunidade, em unidade comum a todos que ofertam dinheiro ou estão sob o teto firmado nas regras deste jogo do gasto.

No fim, meus irmãos, não interessa se você tem 30 reais ou 300. Deus faz com que sua vida prospere do mesmo jeito se o seu dinheiro vier para o altar. Aqui, quem tem pouco mas dá tudo, se torna grande. (Pastor Valter – CDD – dez/2016)

O Culto analisado que trata especificamente do dízimo, se intitula “Culto da Prosperidade”, “Reunião dos Vencedores”, entre outros nomes variando por região e tempo. Mas no geral, este é o culto que explica aos fiéis o que é ser próspero e como se tornar alguém visivelmente próspero na sociedade.

Na IURD – CDD, a prosperidade é apontada pelo pastor em comércios relacionados a venda de sorvetes e açaí em comércio próprio, venda de roupas como autônomo, no geral, a iniciativas para alugar um local e abrir um negócio próprio. Ser empregado com renda fixa não é um bom exemplo para crescer na vida. O empregado terá sempre a mesma quantia em dinheiro, deste modo, não conseguirá se manter nas regras (implícitas) do dízimo e ofertas, que exigem sempre mais do fiel. A palavra chave para permanecer na aliança com Deus é ousadia, tanto para construir meios de ganhar dinheiro, quanto para dispôr de valores para a igreja.

A riqueza é explicada pelo pastor como um estado de espírito. Segundo ele, o rico não sente medo de se despojar de suas riquezas, portanto, se os fiéis agirem desta maneira, também estarão se capacitando para a vida de abundância prometida por Deus na Bíblia. Na realidade do templo que frequentei, ser rico é antes um estado de espírito. A explicação é de que os pobres são dominados por demônios da pobreza,

então nada melhor para expulsar este espírito ruim, substituindo-o por um espírito de riqueza. A riqueza aqui, não será entendida a partir do que se acumula, mas do que é oferecido como dízimo e oferta na igreja. Na fala do pastor, o dinheiro deixado no altar garante ao fiel uma vida de conforto, e só dependerá dele, enxergar a prosperidade que lhe é dada.

Os casos que encontrei durante o trabalho de campo, me apresentaram diversas maneiras de pensar os significados de riqueza e prosperidade. O emprego de Sílvia é visto por ela e sua família como prova da prosperidade prometida por Deus. Se antes, o valor da riqueza vinha a partir de seus gastos no shopping, atualmente, ela me explica que se considera rica por cumprir seu compromisso com a igreja, pois isso lhe dá a certeza de que não faltará nada para sua família em casa. Ela alcançou a riqueza de cuidar de sua família, e não a riqueza das “coisas do mundo”, como ela diz. Paulo fala sobre a prosperidade em sua vida, contando a partir do dia em que deixou de ser segurança para voltar a trabalhar com o setor de carnes do mercado. *“Prosperidade é isso, Karla. Se hoje você pode ter uma comida mais gostosa que a de ontem, você alcançou prosperidade na sua vida. Quem está na Universal entende o que é isso”* (Paulo).

Para Sandra, as maiores conquistas de sua vida estão ligadas ao “gasto” que tem com o dízimo. Seu compromisso com a igreja a faz feliz e dá sentido aos seus dias. Embora num passado próximo Sandra se orgulhava por dar festas em sua casa e “ter um homem”, atualmente, sua prosperidade é a própria entrega de seu dinheiro à igreja. Vivendo numa comunidade cercada pelo tráfico, com tantas oportunidades para direcionar o dinheiro ao que é errado, Sandra dá uma direção frutuosa aos seus ganhos. Firmar um compromisso com o destino de seu dinheiro, num universo cheio de possibilidades ilegais, é assumir um estado de espírito próspero como modelo de cristão que busca se diferenciar. Agindo assim, Sandra fica em paz com ela mesma, sempre aberta às ofertas na igreja e digna de receber mais bençãos. Deste modo, o pagamento do dízimo já lhe confere o título de próspera, valorizado por ela e por seus conhecidos da igreja. Um dizimista conhece outro dizimista e os fiéis sabem quem são os ofertantes compromissados, me explicou o pastor certa vez. Este saber secretamente público, mantém o ciclo de pagamentos afim de legitimar os que realmente são comunidade. Estes desfrutam de privilégios nas dependências da igreja e nos círculos de amizade criados na IURD, como no exemplo já citado do cuidado de Dona Cida com a filha de Silvia.

Noto que, variando no tempo e no modo como se vive, é possível encontrar diversos significados para uma mesma palavra no decorrer de uma mesma vida. O mundo gira, a sociedade se transforma, algumas coisas permanecem, mas as pessoas – adaptáveis ao meio social – continuarão tendo poder sobre as coisas. Mesmo analisando o que lhes apresento, não poderia redigir um glossário com os dizeres “Na IURD, o significado da palavra prosperidade é: [...]?”, afinal, os significados adquirem sentidos diferentes para vidas diferentes em épocas determinadas.

Diferente do dízimo que tem sua porcentagem estipulada, os pastores da IURD são ensinados pelos principais bispos da igreja, a pedir que os fiéis deem tudo que tem como oferta. Dediquei tempo para compreender as apropriações do “tudo” na dinâmica da Igreja Universal na CDD. Ao pedir dinheiro, o pastor não estipula o que significa “tudo”, ele apenas diz que todos devem dar tudo. No geral, é ensinado na sociedade que tudo é o conjunto de todas as coisas que você possui. Tudo que é objeto, é posse e pode ser vendido. É possível encontrar alguns dizeres do Edir Macedo, principalmente na plataforma *Univer Videos* explicando que o tudo deve simbolizar o que você tem de maior valor. Não importa se Deus não precisa de dinheiro, pois Ele espera sua doação de acordo com o que é necessário para você. Vivemos em uma sociedade movimentada pelas transações financeiras, logo, as ofertas deverão ser convertidas no valor da moeda e o que rende mais dinheiro é o que tem mais valor. Sua casa? Seu carro? Seus móveis? Suas panelas? Venda e ofereça todo seu dinheiro no altar da igreja.

Para Breno, dar tudo o que tem, é literalmente, dar tudo o que tem. Tudo o que ele conseguir em um dia de trabalho, é ofertado na igreja.

Contudo, dar tudo que se tem não garante receber algo em troca da parte de Deus, já que não existe compromisso. O compromisso do dízimo é o único que gera a aliança e a aliança garante bençãos. A oferta feita por Breno é o seu sacrifício diário, mas como o valor e a frequência são incertas, suas conquistas também serão. Mesmo ficando sem dinheiro para almoçar na rua ou pagar as contas de sua casa para a mãe, Breno se sacrifica para deixar seus trocados na igreja.

Conheci também Leandra, senhora que havia ofertado 180 reais em um culto. Este é um valor bem visto e aplaudido pelos fiéis. Depois de alguns minutos de conversa, perguntei como ela tinha coragem de ofertar tanto dinheiro, alegando que eu não conseguia fazer este sacrifício. Ela me explicou que naquele mês poderia fazer

este sacrifício dando tudo que lhe restou, pois estava segura com comida no armário da cozinha, contas de luz e internet pagas e seus remédios tinham sido comprados. Me encorajou a fazer um sacrifício também, quando eu estivesse sem outras dívidas.

Para Sandra, o sentido de dar tudo o que tem é parafraseado como “dar tudo que se pode dar”. Sandra faz suas ofertas semanalmente sempre no mesmo valor, entre 20 e 50 reais. Ela sabe que se der mais que isso, faltará dinheiro para garantir certas coisas que garantam seu conforto no mês. A pizza, o esmalte, a maquiagem, por exemplo.

O tudo na vida de Breno se dá pela oposição entre tudo e nada. Ele fala com orgulho de seu sacrifício. Quando o jovem oferta todo o seu dinheiro realmente fica sem nada, sem dinheiro, sem comida e se coloca em risco com as contas de casa que nem sempre a mãe consegue pagar sozinha. Para Leandra, o sacrifício do tudo se coloca como “tudo que sobra” após pagar suas contas e garantir seu sustento. Enquanto Sandra oferta regularmente um valor que não é todo o dinheiro que ela possui, tão pouco todo o dinheiro que lhe sobra, mas seu sacrifício é dar tudo que pode afim de manter seus confortos que garantem sua prosperidade.

Na Igreja Universal o pastor pede sacrifício e as pessoas se sacrificam. O pastor pede tudo que eles têm e eles dão o “seu tudo”. Mas, cada fiel em seu próprio modo, adapta os ensinamentos da Teologia da Prosperidade às suas próprias visões de mundo, e não o contrário. Todos que se integram a esta crença, caminham dentro das regras deste jogo ditado pelo pastor afim de manter suas relações de amizade, desfrutar dos benefícios oferecidos aos que se relacionam com as atividades e ser considerado membro da igreja. No entanto, o modo como se coloca em prática esta fé diverge não somente entre os fiéis, mas principalmente da localização de um templo para outro.

No intuito de interpretar tais ações com conceitos que não são próprios desta realidade de vida, estereótipos negativos são fixados aos fiéis da IURD, como analisa Gomes sobre os sacrifícios feitos na igreja:

A oferta maior, o “tudo”, expressa uma característica própria da IURD, percebida de uma forma bastante polêmica. A função do dinheiro em seus rituais, pelo “apelo” ostensivo dos pastores e bispos, foi um dos principais focos das críticas externas direcionadas à igreja. (GOMES, 2011, p. 114)

Se fundam então, críticos que analisam e interpretam comportamentos de fiéis em sua crença. Destes “achismos” que nascem do pensamento econômico, brotam

as chamadas “isto é lavagem cerebral”, “está dando dinheiro porque está sendo enganado”, “vive pagando dízimo e não recebe nada em troca”. Retorno às questões apresentadas no início deste trabalho: Os fiéis estão sendo enganados ao darem seu dinheiro? Quem disse que precisam receber algo em troca? E quem disse que não recebem? Há quem viva anos ofertando tempo e dinheiro na IURD e depois saia e critique o que os pastores fazem. Mas uma coisa é certa: qualquer relacionamento da vida, seja no trabalho, na família ou na fé, ao deixar de fazer sentido, sentimos que desperdiçamos dinheiro e tempo. Até que algo novo traga sentido às nossas ações, viveremos ressentidos com o que não demos prosseguimento na vida. Busquemos, portanto, teoria cabível que dê sentido às ações dos fiéis da Igreja Universal.

4.2 Mauss e Bataille: dádiva e dispêndio.

Durante o mestrado, me inscrevi em uma disciplina que se intitulava “Antropologia da Profanação”. Estava aberta a compreender o que aquela bibliografia traria de novo aos meus pensamentos na antropologia. Todos os meus trabalhos anteriores a este tempo, se inspiravam principalmente nos escritos de Mauss sobre a dádiva para analisar a relação de troca que organiza a crença da Igreja Universal. Faltava-me algum contexto, me sentia bloqueada e até certo ponto, paralisada em minhas reflexões. Construía meus argumentos sobre o dízimo partindo da relação entre o sistema de trocas apresentado pela obra de Malinowski³³ e as análises de Marcel Mauss em *Ensaio sobre a Dádiva*. Foi quando durante a leitura de “*A noção do dispêndio*”, que precede a obra “*A parte maldita*” (BATAILLE, 1949), notei possíveis análises que poderiam responder e encaminhar diversos pontos de vista sobre minha pesquisa.

A forma arcaica de troca foi identificada por Mauss com o nome de *potlatch*, comparando diferentes sistemas de dádiva entre as sociedades da Melanésia, Polinésia e noroeste americano. A obrigação do dar, receber e retribuir é o princípio que rege essas trocas, que segundo Mauss tem caráter de generalidade sendo também observável nas sociedades ocidentais.

Ademais, o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de

³³ Ver a obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* de Bronislaw Malinowski (1976) – Editora Abril Cultural.

gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente. Enfim, essas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam no fundo, rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Propusemo-nos chamar a tudo isso de *sistema de prestações totais*. O tipo mais puro destas instituições parece-nos ser representado pela aliança de duas fratrias nas tribos australianas ou norte-americanas em geral, em que os ritos, os casamentos, a sucessão de bens, os vínculos de direito e de interesse, postos militares e sacerdotais, tudo é complementar e supõe colaboração das duas metades da tribo. Por exemplo, os jogos são de modo todo especial regidos por elas. Os *linkit* e os *haida*, duas tribos do noroeste americano, exprimem muito bem a natureza dessas paráticas dizendo que “as duas fratrias demonstram respeito mútuo.

Contudo, nessas duas últimas tribos do noroeste americano e em toda essa região aparece uma forma, típica sem dúvida, mas evoluída e relativamente rara, dessas prestações totais. Propusemos chamá-las de *potlatch*, (...). *Potlatch* quer dizer essencialmente “alimentar”, “consumir”. (MAUSS, 1974)

Mauss apresenta que estas relações de troca carregam consigo uma matéria espiritual ou *hau* (o espírito das coisas), que gera e dá sentido às relações sociais. As trocas feitas nas cerimônias integram este sistema da dádiva e não têm valor somente como meros regalos, mas são principalmente, contraprestações e prestações que perpetuam os laços e geram novas alianças. Estes presentes podem ser apresentados como a materialização das diversas dimensões da vida social, o que sugeriu a Mauss a noção de fato social total. Segundo Mauss, a teoria primitiva costumeiramente é tratada como escambo de maneira equivocada. Em *A noção de dispêndio* de Bataille (2013), entendemos que esta explicação é regida por diretrizes de instituições econômicas modernas e análises que não perceberam que a troca tem como característica principal, a perda, e que a aquisição é apenas uma consequência.

Aí encontramos, à luz das observações feitas por Mauss e outros etnólogos sobre as instituições econômicas primitivas, em que “a troca é [...] tratada como um processo de dispêndio sobre o qual se desenvolveu um processo de aquisição”, a afirmação do “caráter secundário da produção e da aquisição em relação ao dispêndio”: a ideia de um “mundo pacífico e conforme a seu modo de ver”, que seria ordenado pela necessidade primordial de adquirir, de produzir e de conservar, é apenas uma ilusão cômoda”, quando o mundo em que vivemos está consagrado à perda e quando a própria sobrevivência das sociedades só é possível ao preço de dispêndios improdutivos consideráveis e crescentes. (BATAILLE, 2013, p. 10)

Esta forma extrema e agonística de troca descoberta por Mauss, foi interpretada por Georges Bataille (1897-1962), que escreveu *A Parte Maldita* precedida de *A Noção do dispêndio* (1949). Nesta obra, o autor retoma a teoria da dádiva e analisa sua função essencial de dispendar.

Bataille explica que, quando o donatário aceita o presente, ele cria seu valor de troca da dádiva na medida em que precisa apagar a humilhação e rebater o desafio forjado pelo presente recebido. A dádiva passada adiante deverá ser sempre maior, retribuída com acréscimo. É como o fiel, que está em constante dívida com Deus, portanto deve pagar o máximo que puder, materializando sua gratidão em uma medida maior do que as bençãos que já ganhou. A primeira coisa a ser objetificada no sistema de trocas da IURD é a gratidão. Mesmo que o fiel não tenha pedidos a fazer no momento, ele deve ofertar pois o sistema de trocas existe independente do que o fiel deseja. Deus, como proprietário de tudo, está sempre dando, portanto, o fiel deve ofertar ao menos como obrigação de rebater o desafio lançado por Deus.

Em Bataille, analisamos que além do sistema de trocas como forma do *potlatch*, os desafios também acontecem por meio de destruições e perdas relacionadas aos sacrifícios religiosos.

Enquanto jogo, o *potlatch* é o contrário de um princípio de conservação: põe fim à estabilidade das fortunas tal como ela existia no interior da economia totêmica, onde a posse era hereditária. Uma atividade de troca excessiva substituiu a hereditariedade por uma espécie de pôquer ritual, de forma delirante, como fonte da posse. Os jogadores, porém, nunca podem se retirar com fortuna feita: permanecem à mercê da provocação. A fortuna, portanto, não tem em caso algum função de situar aquele que a possui ao abrigo da necessidade. Ela, ao contrário, permanece funcionalmente, e com ela o possuidor, à mercê de uma necessidade de perda desmesurada (...). (BATAILLE, 2013, p. 26)

O pastor que dita as regras deste jogo de perdas, afirma a necessidade do desafio dos fiéis, pedindo (o que é obrigatório) os bens mais valiosos que eles possuem. No caso da IURD, isso pode variar. Já ouvi testemunhos de pessoas que venderam desde seu carro até as panelas que tinham em seu armário. Na CDD, a descoberta do que tem valor deve ser analisada através de realidades particulares. Analiso, como Bataille, que, nunca foi o poder de aquisição, mas antes a constituição de uma propriedade positiva da perda que dá valor às ações, trazendo determinada posição em uma hierarquia social. Não importa a quantidade de riquezas que o fiel possui, pois se não tiver disposição para sacrificar seus bens, continuará sem adquirir posição privilegiada. O que importa é o quanto você está disposto a dispendar, afinal, antes de todo desejo de aquisição, está o desejo de destruir.

Nesta análise, os fiéis da IURD são como jogadores do *potlatch* que participam com suas despesas e aguardam disponíveis para uma próxima provocação que os impulsionará a continuar dizimando, ofertando a Deus. A provocação está na graça

recebida ou na ausência dela. Se o fiel recebe o que pediu através de seu dízimo e sacrifício, ele continuará dispondo de suas riquezas. Se a graça não foi alcançada, significa que ele não devolveu a Deus mais do que recebeu. Logo, não alcançou o prestígio sagrado ao ritual. O fiel poderá se manter no jogo enquanto continuar oferecendo seus bens na busca de um valor equivalente ou maior ao que ele deseja receber.

O fiel não oferta porque quer vencer o jogo, ele oferta para permanecer no jogo. O dízimo e as ofertas não têm a finalidade de garantir a vitória aos integrantes, mas sim de garantir a permanência dos fiéis (neste jogo cíclico) e da igreja que conseguirá se manter como instituição. Aqui, o *potlatch* tem tipo agonístico, implicando rivalidade e competição, por isso o caráter de jogo. Se um fiel pede ao pastor uma benção que cure uma doença e oferta 200 reais, enquanto outro fiel oferta um valor menor pelo mesmo pedido, o jogador será instruído a “apostar” no mínimo a maior quantia já oferecida para a cura daquela doença. A imagem de Deus como criador de tudo não é propagada, mas se ensina sobre um deus proprietário de tudo, que cobra suas propriedades. Sendo dono de tudo, este Deus se torna o maior possuidor deste jogo, deste modo, todos os fiéis jogadores estarão em constante dívida. Ninguém jamais devolverá com usura suficiente o que recebeu e provavelmente por isso permanecem no jogo tentando equivaler suas ofertas.

O poder inerente ao que conjuga valor a alguém, é o poder de perder. Logo, todos os bens devem ser dirigidos à perda, de modo a manter o poder que lhe é vinculado.

Mesmo esses atos de grandeza não são isentos de egoísmo. A forma puramente suntuária, quase sempre exagerada e amiúde puramente destrutiva do consumo, onde bens consideráveis e acumulados durante muito tempo são dados todos de uma só vez ou mesmo destruídos, sobretudo em caso de *potlatch*, dá a essas instituições um ar de puro gasto dispendioso (...). Com efeito, e de fato, não somente faz-se aqui desaparecerem coisas úteis, ricos alimentos consumidos com excesso, como se chega a destruir pelo prazer de destruir (...). Mas o motivo dessas dádivas e desses consumos furiosos, dessas perdas e destruições loucas de riquezas, em nenhuma medida, sobretudo nas sociedades de *potlatch*, é desinteressado. Entre os chefes e vassalos, entre vassalos e subordinados, por essas dádivas é a hierarquia que se estabelece. Dar é manifestar superioridade, ser mais, mais alto, *magister*, aceitar sem retribuir ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, apequenar-se, rebaixar-se (*minister*). (MAUSS, 1974, p.174)

Somente através da perda, a glória e a honra serão atribuídas às riquezas. O *potlatch* e portanto, o dízimo, são como um jogo, que caminha no sentido contrário a

conservação e aquisição, pondo fim a estabilidade de fortunas, na eterna busca de uma estabilidade no modo como as posições são organizadas na sociedade. Não mais a hereditariedade será fonte de posses, mas sim, a troca excessiva.

O dízimo e as ofertas são *potlatch*, e como tal podem ser entendidos pela via da dádiva (obrigatória) e pela via do sacrifício. Ambos orientam e organizam o campo religioso na IURD, segundo o que analisei na CDD.

Podemos pensar, então, de que modo o dízimo e as ofertas ocupam lugar do *potlatch* na dinâmica da IURD. O dízimo funciona como dádiva pois se trata da troca entre Deus e o fiel. Esta troca é sempre retribuída, através de diferentes medidas e valores convertidos. O dízimo é compromisso e quem se mantém compromissado é porque evidencia suas recompensas. Já as ofertas são o sacrifício, pois exigem a disposição de oferecer o mais valioso que se tem, aumentando os valores progressivamente de forma a desafiar ou retribuir o desafio de Deus, buscando receber mais do que já é garantido pelo dízimo. O dízimo é o mínimo para garantir a aliança com Deus, a permanência no jogo. Quem entra no jogo do dízimo, já entra endividado. Tal como na dádiva, aquele que dá, só dá porque já recebeu. A oferta é sacrifício, pois diferente da obrigação, ela não confirma seu compromisso no jogo, mas somente lhe garante o poder vinculado àquilo que se perde. A propriedade positiva da perda é o que mantém as ofertas descompromissadas de Breno que no entanto não conseguiu estabelecer o compromisso através do dízimo e a retribuição da dádiva garantida por este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este trabalho compreendendo as questões propostas sobre fé e dinheiro na Cidade de Deus. Como afirma Jacqueline Teixeira (2014), essa relação foi costumeiramente desprestigiada pelos meios de comunicação (Rádio, Televisão e Jornais) entre as décadas de 80 e 90, assim como pelos eventos contra outras igrejas cristãs tradicionais (principalmente o episódio do “Chute na santa” em 1995). De acordo com Giumbelli (2002, apud TEIXEIRA, 2014), estes fatos contribuíram para a produção de pesquisas que construíram uma imagem negativa da IURD como uma agência produtora de controvérsias. Logo, considero necessário construir novas análises sobre a Teologia da Prosperidade na Igreja Universal, a partir de seus fiéis e do ordinário da vida cotidiana.

O dinheiro e a doação por parte dos fiéis sempre estiveram presentes nas mais diversas religiões, no entanto, a perspectiva de que o dinheiro pode e deve ser usado para ter luxo e conforto, foi algo totalmente novo na história do campo religioso cristão brasileiro. Ao conversar e observar os fiéis e sua realidade cotidiana, se tornou possível pensar questões que vão muito além do universo neopentecostal. Compreensões que nos permitem enxergar um vasto campo de possibilidades de pensamentos e significados. Enfatizei com os dados do trabalho de campo, diversas apropriações sobre as realidades de vida encontradas e a possível variedade de significados para palavras tão legitimadas na sociedade. Durante esta pesquisa, revisei meus preconceitos sobre quem é o pobre, o que é ser rico e os limites da elaboração destas questões.

Certamente, as conclusões que trago aqui apoiam a teoria de que não somente os fiéis da IURD, mas todo indivíduo é capacitado à produção de diversos significados sobre os contextos presentes na sociedade. Partindo de seu próprio contexto, indo além das regras, vigências e leis, traçam uma (ou várias) maneiras próprias de pensar sua realidade. Aquele que está fora desta realidade poderá fazer juízo alheio, mas somente a luz da palavra³⁴ daquele que está inserido no contexto, chegaremos mais perto de compreender o que acontece.

Autores contemporâneos como: Edlaine Gomes, Ronaldo Almeida, Edir Mello, Jacqueline Teixeira, entre outros que cito neste trabalho, foram fundamentais para

³⁴ A partir das palavras, do agir, do silêncio, do olhar...

formar meus primeiros passos no pensamento sobre a IURD inserida na Cidade de Deus. Ou deveria dizer, a Cidade de Deus inserida na IURD? Podemos pensar que antes de sua crença religiosa, o movimento do fiel passa pelo seu contexto social, aprendendo e transmitindo sua fé a partir do seu cotidiano. Antes de ser IURD, o indivíduo é morador da Cidade de Deus e isso implica em diversas coisas em termos sociais, que mudam de tempos em tempos. É interessante perceber como em 1985, Alba Zaluar publicou *A Máquina e a Revolta* buscando, dentre outras coisas, os diversos significados da pobreza na vida ordinária dos moradores da CDD, enquanto neste momento construo uma pesquisa me direcionando aos diversos significados da prosperidade e da riqueza.

Tudo que chega ao morador da CDD é filtrado pelos poros da sua vida cotidiana. Não há como frequentar o templo da CDD se de alguma forma você não comunga da realidade daquele lugar. Se assim fosse, não haveria compreensão suficiente para o que é pregado pelo pastor que ensina sobre a fé a partir de elementos ordinários da vida dos fiéis moradores da região.

Partindo do muito que já foi exposto sobre os primórdios da IURD, sobre as dinâmicas dos diferentes cultos na semana, sobre sua busca por legitimidade e sua relação com outras religiões, trago a observação analítica sobre os aspectos da Igreja Universal pensada “de dentro”, me afastando da perspectiva de alguns autores, mas me aproximando de outros. Não que seja possível expôr o que se passa no cotidiano desta fé de maneira pura, mas tracei o esforço de pensar o ordinário desta crença a luz dos próprios fiéis.

Simmel chama o dinheiro de “deus da época moderna”, principalmente porque através dele tudo pode ser medido e convertido. Na IURD, notamos que não somente bens materiais, mas também e principalmente (no caso dos fiéis que não têm tantos recursos) sentidos abstratos como a fé, a esperança, o trabalho e o amor são traduzidos em dinheiro. A fé de Breno, a decisão de mudança de vida que Sandra fez, a dedicação de Paulo, são características medidas de acordo com a avaliação de cada um deles (partindo de uma escala de valores exposta pelo pastor), convertidas em dinheiro e colocadas no altar. Não somente o compromisso com a evangelização, a ajuda aos mais necessitados ou o cuidado com os filhos (relacionados aos valores

católicos), poderão medir o merecimento do céu. A moeda, neste espaço, se torna o mediador entre o fiel e o céu no sentido atribuído à troca tal como descrevemos. A imagem de Deus como criador não é pregada pelo pastor, mas a imagem de Deus como proprietário que dedica amor, perdão e bençãos, cobrando tudo em valores monetários para si e sua igreja. No entanto, diferente de Símmel, podemos ver que na IURD o dinheiro não garante a mobilidade social, pois o que confere valor de igualdade não é a quantidade de dinheiro que se tem, mas como se pode usá-lo na igreja. Considero esta concepção para explicar a abordagem negativa sobre as pessoas que gastam seu dinheiro nos jogos, na igreja, com vícios. O modo como o indivíduo usufrui do seu dinheiro é objeto de observações e críticas. Na igreja, será bem visto aquele que é visivelmente pobre (julgando pelas roupas e comportamento) e ofertou 200 reais no altar, mal visto será aquele que ofertou 100 reais mas que aparentemente poderia oferecer mais dinheiro. Como me disse Sandra, no dia a dia da Cidade de Deus é bem visto o traficante que acumula dinheiro e compra coisas para as crianças da comunidade, mal visto será aquele que gasta somente com mulheres, bebidas e noitadas. O acúmulo do dinheiro não determina o que você representa na sociedade, mas sim a maneira como você se desfaz de seus bens. Portanto, é o dispêndio e não a aquisição quem primeiro organiza as relações entre as pessoas na sociedade. Como afirma Bataille:

A atividade humana não é inteiramente redutível a processos de reprodução e de conservação, e o consumo deve ser dividido em duas partes distintas. A primeira, redutível, é representada pelo uso do mínimo necessário, para os indivíduos de uma dada sociedade, à conservação da vida e ao prosseguimento da atividade produtiva: trata-se, portanto, simplesmente da condição fundamental desta última. A segunda parte é representada pelos dispêndios ditos improdutivos: o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada da finalidade genital) representam atividades que, pelo menos nas condições primitivas, têm em si mesmas seu fim. Ora, é necessário reservar o nome de dispêndio para essas formas improdutivas, com exclusão de todos os modos de consumo que servem de meio-termo à produção. Ainda que sempre seja possível opor, umas às outras, as diversas formas enumeradas constituem um conjunto caracterizado pelo fato de que em cada caso a ênfase é colocada na perda que deve ser a maior possível para que a atividade adquira seu verdadeiro sentido. (BATAILLE, 2013, p. 21)

Em alguns pontos a teoria de Simmel se afasta do que foi observado em campo neste trabalho. O autor afirma que a economia monetária cria uma sociedade calculista e individualista que espera sempre receber ou ganhar algo em troca na relação com o outro. Mas, de acordo com o que eu mesma vivi com Breno, mesmo

que uma comunidade tenha o dinheiro como medida para todas as coisas, ainda assim é possível construir relações próximas de afeto uns com os outros. Com o tempo, pude perceber gestos simples e discretos em outros fiéis, que queriam ofertar dinheiro ao outro para que todos participem da comunhão com Deus. Quando alguém dá testemunho de que progrediu de alguma maneira, esta pessoa fica responsável em dar conselhos e dicas aos que ainda não conseguiram se tornar empreendedores. Os jovens da Força Jovem Universal se unem para arrecadar dinheiro, buscando atender com conforto os fiéis que chegam em estado de extrema carência. Nota-se neste contexto uma rede de solidariedade construída ao redor deste circuito de troca, contemplando todos que partilham deste princípio positivo da perda do dinheiro.

É possível estender essas observações às nossas próprias sociedades. Uma parte considerável de nossa moral e mesmo de nossa vida continua estacionada nesta mesma atmosfera de dádiva, de obrigação e de liberdade misturadas. Felizmente, nem tudo está classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas têm ainda um valor sentimental além de seu valor venal, tanto é que há valores que pertencem somente a este gênero. Não temos apenas uma moral de comerciantes. Restam-nos pessoas e classes que guardam ainda os costumes de outrora, e quase todos dobramo-nos a eles, pelo menos em certas épocas do ano ou em determinadas ocasiões. (MAUSS, 1974, p.163)

Pensando o circuito da dádiva em Mauss, notamos que o sistema de trocas se faz presente na dinâmica da sociedade atual. Observo o Dízimo e as ofertas como um jogo, pois considerando os pontos levantados por Bataille (2013), também estamos tratando de uma ação baseada no risco, tendo finalidade em si mesma e principalmente, que não encontra prazer somente no retorno, mas tem realização última no dispêndio. Com isto, desconsideremos a noção de antônimo entre as palavras *perder* e *ganhar*. Antes, percebo estas palavras neste jogo colocadas como sinônimos: *Perder é ganhar*.

Jogando com dinheiro na IURD, se ganha a certeza da comunhão com Deus. Esta comunhão não é algo abstrato, invisível aos olhos. Esta comunhão é observável através da dinâmica diária dos cultos, no comportamento das pessoas e na própria fala destas. Na tentativa de compreender determinada situação na sociedade, não devemos ignorar as respostas de interlocutores que se referem a coisas transcendentais ao social. Nosso trabalho como cientistas sociais é justamente investigar o modo como tal pessoa construiu esta resposta. Observar para compreender, dedicar tempo para falar sobre. Muito fácil seria comentar sobre os fiéis da IURD, afirmando falta de racionalidade. Não é dever deles explicar sob o olhar da

razão (embora eu tenha observado que eles também o fazem), este dever é nosso. Apanhar o material possível de estudo e encontrar os elementos que dão sentido às ações é trabalho do cientista. Assim, se torna possível ver que quando o fiel diz “*dou todo o meu dinheiro para estar em comunhão com Deus*”, ele permanece na aliança com Deus através das pessoas na igreja. A explicação é que Deus está presente na igreja, portanto para permanecer em unidade com Deus o fiel participa dos eventos, conquista amizades, constroi redes de apoio e se torna próspero pois a igreja como anunciadora de Deus o acolhe, garantindo a permanência da aliança. Aqui, isto também é prosperidade. Por outro lado, se toda riqueza deve ser devolvida para Deus, o dinheiro deve ser dado todo na igreja. Nesta crença, entende-se a Igreja Universal cumprindo papel de administradora de Deus, que é o proprietário de tudo. Como em uma imobiliária, Deus colocou o cuidado de seus bens sob a autoridade da Igreja Universal, portanto, serão os pastores (porta-voz de Deus) que anunciarão as regras e valores de cobrança na conversão de bens.

Desejo me dedicar a trabalhos futuros, buscando apresentar outras possíveis instituições (religiosas ou não) e seus significados sobre o uso do dinheiro, pois acredito que esta realidade de ações baseadas na perda existem para além dos muros da Igreja Universal. Por hora, finalizo e concluo esta pesquisa esclarecendo que o *potlatch* é exposto neste trabalho com o intuito de observarmos o modo como a disposição em dar, receber e retribuir bens materiais ou abstratos (como honra ou prestígio), continuam sendo formas possíveis de compreender a sociedade quando nos dedicamos a perceber que perder também pode ser um ganho.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **A Parte Maldita**: precedida de 'A Noção do Dispêndio'. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.
- CRIVELLA, Bispo Marcelo. **Passando a limpo**: entrevista concedida a Boris Casoy no programa da Rede Record de Televisão transmitidos em 26 de jan.2003.
- DURKHEIM, Émile. Definição do fenômeno religioso e da religião. In: _____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 3-32.
- _____. Os ritos piaculares e a ambiguidade da noção de sagrado. In: _____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. P. 425-455.
- GOMES, Edlaine de Campos. **A era das catedrais**: a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 48-50
- _____. Ser única e Universal: materializando a autenticidade na cidade do Rio de Janeiro. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara (orgs.). **Religiões e cidades**. São Paulo: Pronex/Terceiro Nome, 2009.
- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Prosperidade" na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, 2008.
- _____. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Relig. Soc.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, Jul. 2007.
- _____. Ethos emergente: as pessoas, as palavras e as coisas. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 175-202, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200008. Acesso em: 06/2018
- MACEDO, Edir. **Nada a Perder**: Momentos de convicção que mudaram a minha vida. São Paulo: Planeta, 2012.
- _____. **Nada a Perder**: Meus desafios diante do impossível. São Paulo: Planeta, 2013.
- _____. **O poder sobrenatural da fé**. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.
- _____. **Fé Racional**. Rio de Janeiro: Unipro, 2010.
- _____. **O Perfeito Sacrifício**: o significado espiritual do dízimo e das ofertas. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1996.
- MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. **Plano de Poder**: Deus, os Cristãos e a Política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974. v.2.

_____. **Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício**. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Ensaios de Sociologia).

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. **Revista USP**, v. 31, p. 120-131, 1996.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004.

MARIZ, Cecília L. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. **Revista de Cultura Teológica**, v. 3, p. 37-52, 1995.

MELO, Edir F. O. T. **Luz, Câmera, ação**: Cidade de Deus entre histórias e memórias. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Livia Reis. **Ser Universal**: crentes engajados e práticas cotidianas na cidade de Maputo. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANT'ANA, Raquel. **A Nação cujo Deus é o Senhor**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Media and gender performances in the Universal Church: The Godllywood challenge. **Relig. soc.** [online], v.34, n. 2, p. 232-256, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010085872014000200232&script=sci_abstract. Acesso em: 25/Julho/18.

TOTARO, Paolo. Misticismo do cálculo e a ascese consumista: razão e fé no "crer sem pertencer" e no neopentecostalismo. **Relig. soc.**, v. 30, n. 1, p. 81-100, JUL. 2010

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.